Universidades Lusíada

Nogueira, José Artur Anes Duarte, 1954-
Nogueira, Joaquim Eurico

# Realidade administrativa e social oitocentista : o Zêzere médio ofiúsico

http://hdl.handle.net/11067/1687
https://doi.org/10.34628/kw1s-ga63

**Metadados**

| | |
|---|---|
| **Data de Publicação** | 2015-10-27 |
| **Palavras Chave** | Pampilhosa da Serra (Coimbra, Portugal) - História - Século 18 |
| **Tipo** | article |
| **Revisão de Pares** | Não |
| **Coleções** | [ULL-FD] LD, s. 2, n. 12 (2014) |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T09:38:22Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

# REALIDADE ADMINISTRATIVA E SOCIAL OITOCENTISTA
## O ZÊZERE MÉDIO OFIÚSICO

**José Duarte Nogueira**[1]
**Joaquim Eurico Nogueira**[2]

### 1. Introdução

1.1. O texto que se segue baseia-se em onze *Memórias Paroquiais* e em alguns livros de registos paroquiais respeitantes a povoações hoje integradas no concelho da Pampilhosa da Serra. Não se trata de um estudo temporal ou espacialmente amplo. Trata-se antes de um micro estudo em ambas as perspectivas. De certo modo corresponde a uma fotografia de curta duração e de ângulo estreito, tirada sobre um momento na vida das populações residentes nos locais investigados, ao tempo em que as Memórias foram elaboradas. Em termos temporais retrata, *grosso modo,* os meses de Abril e Maio de 1758.

Antes de prosseguirmos, permita-se-nos um breve apontamento sobre as *Memórias Paroquiais* e uma curta justificação sobre o interesse da pesquisa.

Conforme veremos, este inquérito esteve longe de se reduzir a um mero desejo de conhecimento sociológico, etnográfico e antropológico.

Só por isso já teria interesse. Mas muito mais que isso, traduziu um esforço ciclópico de obter dados sobre a realidade de um país que o Marquês queria enquadrar na Europa iluminada e polida – como lhe chamaria na Lei da Boa Razão - que tanto admirava. Para isso era indispensável conhecê-lo e nada melhor do que obter uma fotografia global moldada por um inquérito de figurino idêntico, o mais completo possível. Nunca se tinha feito nada assim no país, não

[1] Professor da Faculdade de Direito da Universidade Lusíada de Lisboa e da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

[2] Professor da Faculdadde de Ciências da Universidade Nova de Lisboa. Pertence a este autor a investigação e a maior parte do texto.

obstante alguns censos realizados desde o seculo XVI apresentarem já visões populacionais amplas.

A autoridade régia em que se amparava era, nos termos do despotismo iluminado, o instrumento que lhe permitiria obtê-lo, e ainda que reticente no relacionamento com o clero, a ele recorreu porque sabia que era o único meio de o conseguir realizar com custos mínimos, mantendo a expectativa de sucesso. Fê-lo a pretexto de conhecer se localmente tinha havido consequências do terramoto que destruíra Lisboa.

Objectivo louvável que mostrava o interesse do centro pela periferia. Mas de facto o que queria saber era muito mais. E efectivamente conseguiu-o. Recebeu um volume enorme de informação, o qual lhe teria permitido uma intervenção valiosa e decisiva em muitos campos, se o tivesse querido. Não teve contudo, depois, todo o aproveitamento possível, por não ter sido imediatamente continuado por um esforço de sistematização da informação, ao qual se seguiria outro, de aplicação de reformas à realidade por via legal. Mas algum aproveitamento teve.

Do enorme volume de dados, muitos tem interesse para a historiografia jurishistoriografia, em, particular no plano administrativo, económico e das relações inter-ordenacionais.

Nessa medida, e porque nem sempre existe noção completa do que nele se contém e do que pode ser aproveitado a esse nível, aqui se deixa uma síntese do conjunto de respostas relativas a uma das regiões mais desfavorecidas do país, tanto no passado como ainda hoje: o Zêzere médio ou ofiúsico. Globalmente constroem uma fotografia e nela se verá reflectida a realidade administrativa e social nesse espaço, para além de muitos outros aspectos.

1.2. Como é do conhecimento geral, na manhã de 1 de Novembro de 1755 ocorreu em Lisboa um dos maiores terramotos dos últimos séculos, a nível mundial [3].

Sebastião José de Carvalho e Melo, então ainda longe do protagonismo que pouco depois obteria na cena política nacional, tomou a cargo a direcção dos trabalhos de reconstrução da cidade, os quais tiveram o mérito de alterar por completo a antiga baixa; com o apoio de especialistas do maior gabarito, no lugar da antiga malha urbana surgiu uma nova, formada por quarteirões rectangulares e ruas largas e bem lançadas, nos quais se levantaria a construção anti-sísmica oitocentista em gaiola que ainda hoje a caracteriza, formando um conjunto que, a partir de então, passou a ser geralmente designado como Baixa Pombalina.

[3] Este tremor de terra, que pelas estimativas modernas atingiu o grau 9 na escala de Richter e X/XI na de Mercalli, causou elevada destruição, principalmente na região de Lisboa e parte da costa algarvia, sendo que grande parte da devastação ocorrida não sucedeu como consequência directa do tremor de terra, mas antes dos incêndios que lavraram por seis dias em Lisboa e do maremoto (tsunami, como hoje sói dizer-se) que, depois das dez da manhã submergiu parte da cidade baixa. Não há certeza quanto ao número de vítimas, sendo 100.000 uma estimativa que muitos acreditam não estar longe da verdade. Como é também sabido, tratou-se de um evento que rapidamente galgou fronteiras, tendo sido relatado na imprensa, então embrionária, em vários países da Europa.

Que Lisboa, os seus arredores e a costa vicentina haviam sido atingidas duramente pelo desastre, foi facto bem conhecido na época. Vultos literários europeus de primeira grandeza, como foi o caso de Voltaire (Candide) e outros, referenciaram-no e aproveitaram os seus ecos para posicionar parcelas do pensamento político-filosófico iluminado que perfilhavam, face à tradicional compreensão do mundo que no século XVIII começava a desabar

E quanto ao resto do país? Numa época em que as comunicações eram ainda as tradicionais e as vias fundamentais pouco haviam mudado desde que o poder romano transformara os caminhos anteriores numa malha viária estruturada, a informação sobre o que se passara a nível do interior era morosa e custosa, pelo esforço que implicava, se fidedignamente procurada.

Poderia dar-se o caso de algumas localidades do interior estarem também muito atingidas e necessitadas de obras de reconstrução? No início de 1756 um questionário, de resposta obrigatória, formado por 13 questões foi enviado a todos os párocos do país, a fim de informarem o poder central das horas a que o terramoto havia sido sentido, dos estragos causados, do eventual número de vítimas, das obras de reconstrução entretanto empreendidas. Enfim, do que na capital se não sabia com clareza sobre os efeitos do sismo no interior. Ainda hoje esse inquérito é elogiado devido à forma, qualificável de científica, que presidiu à sua elaboração; as respostas, permitiram aos geólogos do século XX, um estudo aprofundado dos efeitos do terramoto a nível nacional, designadamente a estimação do seu grau nas diversas regiões do país e a identificação das hipóteses plausíveis da localização do epicentro. Era o espírito das luzes a funcionar em pleno, mesmo quando o objecto do conhecimento era uma catástrofe.

Tendo em conta o sucesso da iniciativa, dois anos depois novo inquérito foi remetido aos párocos portugueses; mas agora a motivação era de índole mais sociológica. Este segundo inquérito visava conhecer aspectos da vida das paróquias, nomeadamente a religiosa e ainda caracterizar o meio ambiente circundante às mesmas. Em 1721 e 1732 já haviam sido feitos dois inquéritos, a nível nacional (da iniciativa, respectivamente, da Academia Real de História, e do Padre Luís Cardoso) que, tal como o de 1758, visavam conhecer variados aspectos da vida local; infelizmente o terramoto destruiu-os! Recusando baixar os braços, o padre Cardoso, conseguiu que fosse enviado novo questionário aos párocos, no qual se pedia nova descrição da freguesia. E assim foi feito.

Formado por três secções distintas, pretendia analisar as paróquias em distintas vertentes: a primeira, «a terra», inquire sobre a comunidade humana, o espaço geográfico, o espaço militar e o político. Identifica a freguesia pelo nome, orago, pertença senhorial, divisão administrativa e religiosa, informa das povoações que integram a paróquia, se tem pontes, portos, feiras ou se algum habitante local se notabilizou, fosse por armas, letras ou virtudes.

A segunda trata da «serra» e a terceira do «rio». Nestas duas secções, que cobrem 60% do total do inquérito, a atenção do inquiridor recai sobre aspectos do espaço circundante, a saber, topográficos, orológicos e hidrográficos. Pergunta-

se os nomes das serras, o tipo de vegetação aí existente, e ainda se nela existem animais selvagens ou domésticos, assim como ervas medicinais ou alguma exploração mineira; também se deseja conhecer qual o nome dos rios da região (ou eventualmente ribeiros), as espécies de peixe que nele habitam, se tem pontes, moinhos, lagares, se nas águas se fazem pescarias ou se procura minério.

Refira-se ainda que, apesar de desconhecermos as respostas ao inquérito de 1720, sabemos quais foram as perguntas então colocadas, o que permite evidenciar ter sido uma das grandes fontes de inspiração do de 1758, mormente da primeira secção, sobre a terra (e também, embora muito mais ligeiramente, da terceira).

Os questionários foram impressos e enviados em Janeiro de 1758, a todos os bispos por um órgão central, a Secretaria dos Negócios do Reino. De seguida os bispos ordenaram que estes fossem distribuídos pelos párocos das suas dioceses (aproveitando para tal, na maioria dos casos, as visitações que periodicamente eram feitas às paróquias), com a indicação de uma data limite para o preenchimento e subsequente entrega, e reenvio para a secretaria de estado durante o mês de Maio (alguns retardatários enviaram-nos só em Junho).

## 2. As memórias – a terra.

Para a elaboração deste texto foram utilizadas as Memórias paroquiais respeitantes às povoações de Pampilhosa, Cabril, Pessegueiro, Janeiro de Baixo, Fajão, Dornelas e Madeirã, por a totalidade (ou parte) dos seus territórios de então integrarem o actual concelho da Pampilhosa da Serra, e ainda as das paróquias de Barroca, Janeiro de Cima, Cambas e Orvalho por serem vizinhas das anteriores e com elas compartilharem muitas características religiosas, administrativas e ambientais. Acrescente-se ainda que só foi possível obter alguns dados relativos a Alvares, que em 1758, incluía a maior parte da actual freguesia da Portela do Fojo, de forma indirecta pois as suas Memórias não se encontram arquivadas na Torre do Tombo e que, por não haver Memórias relativas a Unhais–o-velho, as informações relativas a esta freguesia se resumem ao orago, ao termo e ao total da população. Quanto às Memórias da povoação de Álvaro não foram incluídas pois, apesar de algumas localidades do actual concelho da Pampilhosa da Serra integrarem o então concelho de Álvaro, nada nas referidas memórias se lhes refere.

De todas os relatórios utilizados para a elaboração deste texto, apenas o da Madeirã, datado de 15 de Outubro de 1759 e assinado pelo Cura Simão Christovão Garcias, ultrapassa (e por muito) o limite temporal previamente estabelecido. Assinale-se ainda que o de Fajão, o único proveniente do Bispado de Coimbra, assinado pelo Cura Anastácio da Costa Mattoso, não tem data e que o pároco de Unhais–o-velho, o Cura Joseph Gomes Pereira, não respondeu ao questionário, ou se respondeu, as respostas perderam-se. Os restantes nove foram todos redigidos em 1758, nas seguintes datas e pelos seguintes párocos:

| | | |
|---|---|---|
| Orvalho | 04 de Abril | Cura Manoel Rodrigues Duarte |
| Cambas | 08 de Abril | Prior Bartholomeu Vaz de Azevedo |
| Dornelas | 21 de Abril | Prior Encomendado Joseph Manoel |
| Barroca | 02 de Maio | Cura Jozé Pedro |
| Janeiro de Cima | 03 de Maio | Cura Joseph Pereira |
| Janeiro de Baixo | 06 de Maio | Vigário João Dias Pereira |
| Cabril | 06 de Maio | Cura Manoel Francisco |
| Pessegueiro | 27 de Maio | Cura João Fernandes Muralha |
| Pampilhosa | 20 de Junho | Prior João Freire de Albuquerque Maldonado |

Como atrás afirmado foram muitas as regiões do país em que o inquérito foi levado às paróquias pelo visitador, aproveitando a inspecção habitualmente realizada com frequência anual. Procurando verificar se na região pampilhosense também teria sido o caso, foi determinado o percurso do visitador de então [4] efectuado durante o mês de Abril: Barroca (10), Dornelas (11), Janeiro de Cima (13), Janeiro de Baixo (16), Orvalho (17), Cambas (19), Pampilhosa (21), Pessegueiro (24), Cabril (25). Conclui-se que, exceptuando as paróquias mais a sul (Cambas e Orvalho) que receberam o inquérito muito mais cedo, a hipótese é viável: em todos os casos a data da visitação é compatível com a de reenvio do inquérito, mesmo tendo em conta que no caso dornelense o intervalo entre a data da possível recepção - 11 de Abril - e a do seu reenvio - 21 de Abril - é bastante curto.

Passemos ao questionário propriamente dito e a um resumo das respostas. As primeiras seis questões focam aspectos geográficos e demográficos:

***1 – Em que província fica, a que bispado (diocese), comarca, termo (concelho) e freguesia (paróquia) pertence?***

«*A Vila da Pampilhosa he pertencente à Provincia da Estremadura, Bispado da Guarda, Comarca de Thomar*». O Cabril, também pertencente à Estremadura, é uma sua anexa («*he termo da villa da Pampilhosa*»), integrando ainda o mesmo bispado e a mesma comarca, tal como sucede com a freguesia do Pessegueiro. No entanto esta última já faz parte da província da Beira.

Quanto às outras: Unhais-o-velho pertence ao termo (ou «distrito», segundo terminologia da época) da vila do Fundão - e não ao da Covilhã como, erradamente, está indicado na curta informação disponibilizada sobre esta paróquia - e à comarca da Guarda, « (A Madeirã) *fica* (...) *na provincia da Beira Baixa, he priorado do Crato, Comarca de Thomar e termo da Vila de Alvaro, de ahonde foi desanexada*.», «(Fajão) é Provincia da Beyra, e é villa, comarca da cidade da Guarda, e Bispado da cidade de Coimbra, e Parochia.». Assinale-se ainda que parte da paróquia de Fajão fazia parte de outros concelhos: o lugar das Bouças pertencia ao concelho de Góis, enquanto Porto da Balsa, Castanheira e Ponte de

[4] Apenas identificado pelo apelido Nogueira,

Fajão, situados na margem norte do rio Ceira, faziam parte do de Vila Cova de SubAvô.

As restantes paróquias (Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo e de Cima, Cambas, Orvalho) ficavam todas na província da Beira Baixa, integrando o bispado e comarca da Guarda e o concelho de Vila Nova do Fundão. Janeiro de Baixo era também sede de uma comenda (*Comenda de Sam Domingos de Janeiro de Bayxo*), à qual Janeiro de Cima também pertencia.

As poucas notas obtidas relativas a Alvares informam-nos que os lugares de Amoreira Cimeira e Amoreira Fundeira, que no final do séc. XVIII integrariam a paróquia da Portela do Fojo, pertenciam ambos à província da Beira, bispado de Coimbra, arcediagado de Penela, Comarca de Tomar, termo da Vila de Alvares. Sabemos, consultando os arquivos paroquiais que o mesmo se passava com os lugares de Folgares, Soutelinho, Indioso, e parte do de Padrões (a outra parte pertencia à Madeirã), os quais, junto com as Amoreiras, faziam parte da região designada por «Lomba da Moreira (*isto é, da Amoreira*)».

Note-se ainda que o Fundão havia passado a vila e sede de concelho em 1747, donde a designação de «*Vila Nova do Fundam*» e que a província da Beira acima referida correspondia aproximadamente à Beira Litoral, sendo portanto distinta da Beira Baixa.

***2 – Se é de el-Rei, ou de donatário, e quem o é ao presente?*** Um donatário é um titular nobre ou eclesiástico, beneficiário e detentor de largas doações e concessões régias e que, a nível local, tinha uma posição privilegiada. Era aos seus agentes que os residentes nas regiões a ele afectas deviam prestar contas em questões de tributação ou aplicação da justiça, ainda que o rei detivesse em certos aspectos, designadamente concernentes à justiça a possibilidade de decidir em ultima instância .

Analisemos as respostas: sabe-se que a Vila da Pampilhosa «*he reguenga e a camera he donataria dela*.» Pertencia portanto ao rei, tal como então sucedia com o Cabril; mas para o Pessegueiro a situação era distinta, pois, apesar de pertencer ao concelho da Pampilhosa, «*he della senhorio o Senhor Conde de Castello Melhor, nam tem previlegio, ainda que dizem que antigamente se lhe tinha prometido mas nam se ho tratou*». Seguramente tratar-se-ia de um senhorio antigo, surgido numa época em que o Pessegueiro talvez nem sequer integrasse o concelho da Pampilhosa (esta hipótese é colocada devido ao facto de não pertencer à mesma província que a Pampilhosa o que sugere que, em tempos recuados, estas duas paróquias teriam integrado divisões judiciais e administrativas diferentes). A alusão ao privilégio significa neste caso que não possuía carta a formalizar a concessão, conhecendo-se apenas por tradição (foral – particular ou régio, ou carta de concessão senhorial). Note-se que as seis províncias portuguesas de então correspondiam *grosso modo*, às comarcas que existiam desde a primeira dinastia, a saber: Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura, Alentejo e Algarve.

Quanto às outras paróquias em estudo: (i) a Madeirã pertencia a Dom Diogo de Noronha, Marques de Marialva; (ii) Fajão (e as suas anexas de Cavaleiros,

Seiroquinho, Ceiroco e Covanca) pertencia ao «*Reverendisimo Padre Reytor e mais cónegos Regulares da Congregação Reformada de Santo Agostinho do Colégio Novo do Leal Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*»: (iii) as restantes (Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo e de Cima, Cambas, Orvalho, Unhais-o-velho) eram todas régias, «*de sua magestade, que Deos guarde*».

***3 – Quantos vizinhos (famílias) tem, e o número das pessoas?***A resposta é dada pelo seguinte quadro, no qual os párocos usam as palavras «fogo», «vizinho» e «morador», indistintamente, com o mesmo sentido [5]:

| Paróquias | Fogos | População aprox. | População aprox./ Fogos |
|---|---|---|---|
| Pampilhosa | 376 fogos | 1339 pessoas | 3,56 |
| Cabril | 97 moradores | 376 pessoas | 3,87 |
| Pessegueiro | 64 vizinhos | 286 pessoas | 4,46 |
| Fajão | 96 vizinhos | 342 pessoas | 3,56 |
| Unhais-o-velho | 89 fogos | 278 pessoas | 3,12 |
| Dornelas | 161 fogos | 608 pessoas | 3,78 |
| Barroca | 42 vizinhos | 162 pessoas | 3,85 |
| Janeiro de Baixo | 117 fogos | 410 pessoas | 3,50 |
| Janeiro de Cima | 75 vizinhos | 200 pessoas | 2,67 |
| Cambas | 73 moradores | 280 pessoas | 3,84 |
| Orvalho | 105 vizinhos | 390 pessoas | 3,71 |
| Madeirã | 99 vizinhos | 272 pessoas | 2,74 |
| Amoreira Cim./ Fund. | 15 viz./ 12 viz. | (não indic.) | (não indic.) |

No Cabril foram contadas 376 pessoas: 283 pessoas de confissão e comunhão (isto é, com mais de 14 anos aproximadamente) e 93 somente de confissão (dos 7 aos 14 anos); de forma análoga, em Janeiro de Baixo foram contabilizadas 410 pessoas, sendo 367 de confissão e comunhão e 43 somente de confissão. Assim sendo, em ambas as paróquias, o número das crianças com idade inferior a 7 anos será desconhecido. Em Dornelas (onde há 531 maiores e 78 menores), e na Barroca (onde há 142 maiores e 20 menores), encontramos uma situação semelhante pois «maior» significa «de confissão e comunhão», e «menor» significa «apenas de confissão».

Assinale-se que os valores atribuídos a Janeiro de Cima são demasiado «redondos», o que levanta a hipótese de o cura local ter apenas feito uma estimativa (note-se que aí a média Pessoas/Fogos é muito baixa; seria de esperar que estivesse próxima da da paróquia vizinha de Janeiro de Baixo), que os párocos de Cambas e da Madeirã só referem na questão 3 o total de vizinhos (ou moradores)

[5] A palavra "vizinho" identificava tradicionalmente o habitante municipal com direitos plenos, designadamente o de eleger e ser eleito. Como a posse de casa de habitação própria era um dos factores que conferia vicindade, entendia-se não raro que enquanto o agregado vivia sob o mesmo tecto, existia apenas um eleitor, um vizinho. Por isso fogo, vizinho e morador eram usadas, não raro, como equivalentes.

presentes na sede da paróquia, sendo necessário adicionar posteriormente os valores relativamente às anexas (que dão em outras respostas), e que o pároco de Fajão se enganou a somar o número de vizinhos da sua paróquia.

O prior de Dornelas refere que a sede de paróquia tinha 40 fogos, mas não dá informações sobre as suas anexas; já o de Fajão é mais específico enumerando o número de vizinhos por povoação: Vila de Fajão 35, Castanheira 13, Bouças 9, Seiroquinho 8, Seiroco 7, Cavaleiros de Baixo 6, Cavaleiros de Cima 6, Sobrais 3, Covanca 3, Porto da Balsa 3, Vale do Pardieiro 2. O mesmo se passa com o de Pessegueiro: Pessegueiro de Cima 15, Pessegueiro de Baixo 15, Carvoeiro 12, Malhada da Serra 11, Coelhal 7, Baraçal 4, e com o de Cambas: Cambas 28, Pisoria 15, Ademoço 11, Roucos de Baixo 10, Rouco de Cima 10, Caneiros 8, Roqueiro 1; por seu lado, o cura da Madeirã refere o número de vizinhos e ainda o de habitantes: Madeirã 44 viz./ 107 hab., Cova 15 viz./ 55 hab., Vilar d'Amoreira 13 viz./ 32 pess., Padrões 6 viz./ 25 hab., Vilar dos Condes 11 hab., Vilar Cimeiro 2 viz./ 12 hab., Covinha 2 viz./ 9 hab., Vilarejo 2 viz./ 6 hab., Vilar do Meio 4 hab., Ribeira das Relvas (?), 1 viz./ 2 hab..

***4 – Se está situada em campina, vale, ou monte, e que povoações se descobrem (avistam) dela e quanto dista*?** A Pampilhosa «*está situada nas ribanseiras da Ribeira Unhais atras de hum monte, munto em frente (?) e della se nam descobre mais que hum pequeno pedaço do Ceo.*»; o Pessegueiro «*está situado ao pé de huma Ribeira (a Ribeira de Pessegueiro) (da parte do nascente) e nam se descobre povoasois algumas.*»; o Cabril «*está situado na costa de hum monte que lhe fiqua a parte do norte de que sahem alguns valles piquenos e o mais que se descobre delle sam serras e montes sem singularidades.*»; Fajão está «*situada em huma serra mettida em hum valle e não descobre povoação alguma e dellas esta distantes muytas legoas*»; sobre Unhais nada foi dito mas é sabido que ainda hoje se encontra num sítio baixo e que, pelo lugar, passa o rio com o mesmo nome; Dornelas «*está situada em sitio baixo, e dista do Zêzere hum tiro de bala, e pelo mesmo lugar medea hum pequeno Ribeiro, nam se descobrem delle povações algumas*»; a Barroca «*está situada em valle e nam se descobrem dela povoações algumas*»; Janeiro de Baixo «*está situada ao pé do Rio Zezere e de dentro de algumas janelas das cazas se pode (a)tirar pera agoa do mesmo Rio com huma pedra, e se não descobre della povoasam alguma, está entre vales e montes*»; Janeiro de Cima «*está situada ao pé do Rio Zezere, entre montes e charnequas, e não se vêm della povoassões algumas*»; Orvalho «*está situado em hum monte medianamente alungado (?) e plano, e delle se descobrem as povoaçoens seguintes: Lobatos, Lobatinhos (do Termo da Villa da Pampilhoza, neste Bispado, comarca da Cidade da Guarda) e Abitoreira (do Termo da Vlla de Alvaro, Priorado do Crato*)»; Cambas «*está situada em hum baixo na Raiz de hum outeiro, juncto ao Rio Zezere a que não dista duas cazas mais que hum tiro de pedras: não tem forma de povoação regular: porque cada caza está em sua parte, e cada hum fazia, e faz, sua habitação onde tinha, ou tem alguma propriedade sua: da terra se não descobre povoação alguma: por ter defronte hum outeiro alto que lhe impede a vista, e inda que não o tivera tam proximo, ha outros, muitos mais, da mesma sorte.*»; por fim, a Madeirã «*esta situada nos confins de hum braço, que faz a Serra que começa na Vila*

*da Certam (Sertã) e finaliza na Freguezia do Estreito, tambem do Priorado (do Crato), em oito legoas de distancia: (..?) aparece no norte; della se descobre por entre (...?) e montes a mayor altura da Serra da Estrella, (à) distancia de dezoito legoas*».

De entre estas respostas merece destaque o facto de ser utilizado como medida para distâncias pequenas o tiro de pedras ou o tiro de balas (para distâncias grandes era usada a légua, correspondente a pouco mais de 5 km) e que o prior de Cambas dá informações sobre o formato irregular da sua aldeia, fornecendo para o facto justificações históricas.

***5 – Se tem termo seu, que lugares, ou aldeas compreende (inclui), como se chamam, e quantos vizinhos tem?*** Os párocos desta região não parecem ter entendido a questão, indicando na sua resposta os vários lugares da freguesia, quando provavelmente o que o inquiridor pretendia era que, caso o lugar fosse sede de concelho, fossem indicadas as paróquias que dele faziam parte; se assim não fosse a pergunta 6, onde são pedidos os nomes dos lugares, não faria sentido pois então haveria informação repetida. Ao responderem à sexta questão alguns párocos repetem o nome das aldeias, enquanto que outros se limitam a indicar onde se encontra a igreja paroquial, por vezes pedindo desculpa por não voltar a citar os nomes das aldeias: «*...os (...) lugares de que faço mençam no interrogatorio quinto e peço perdam os nam os expressar, por ja os ter expressado no mesmo interrogatorio acima*» (*MP de Janeiro de Baixo*). Observe-se que o pároco da Covilhã (exterior à região estudada), ao responder ao inquérito, mostra compreender a pergunta e depois de enumerar as diversas paróquias acrescenta: «...o numero de seus vizinhos, constará da informaçam de seus Parochos.»

As respostas que os párocos dão à questão 5 é já conhecida a partir das respostas dadas à primeira: a Pampilhosa tem termo próprio, admitindo duas anexas, Cabril e Pessegueiro; Fajão também tem termo seu, sem paróquias anexas (aliás a fronteira entre o termo e a paróquia não coincidem); Unhais-o-velho, Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima, Orvalho, Cambas, são «*do termo da Villa do Fundam, que poucos annos (desde 1746) ha que he villa*» e antes haviam pertencido à Covilhã, e a Madeirã pertence ao concelho de Álvaro.

Verifica-se, no entanto, alguma confusão entre o poder religioso e o civil, quando na questão 17, o prior de Dornelas afirma que a sua freguesia é «*cabeça de concelho de toda a freguesia e do lugar da Barroca*» tendo em conta que a Barroca era, e apenas sob o ponto de vista religioso, uma sua anexa; por seu lado, o da Madeirã confunde concelho com paróquia, pois afirma que «*tem termo seu...*» aludindo ao facto de, enquanto paróquia, se haver desanexado da de Álvaro (muito embora continuasse a integrar o mesmo concelho).

***6 – Se a paróquia (igreja paroquial) está fora do lugar, ou dentro dele, e quantos lugares tem a freguesia, todos pelos nomes?*** Pampilhosa: «*Esta Villa he Priorado da Igreja, situada sobre as rebanseiras da Ribeira chamada Unhais. (...) os lugares que pertensem a esta freguezia sam os seguintes: Aldeia Simeira, Aldeia do Meio, Aldeia Fundeira, Relvoso, Val das Pereiras, Machio Simeiro, Machio Fundeiro, Lomba do Barco, Val Serram, Lobatos, Lobatinhos, Sobral Magro e SinhoSamo, Sobral Valado,*

*Ramalheira, (...?), Pescanseco Simeiro e do Meio, Pescanseco Fundeiro, (Moradias?), Decabelos, Povoa, Moninho, Soeirinho, Carvalho, (...?), Carvoeiro, (Val de Carvalho, Covois?), Sobral de Sima, (Sobral de Baixo?), Bouça (Pereira), Feteira, Cadavoso, Malhadas.*»

Cabril: «*A Paroquia esta junto ao mesmo luguar e tem mais a freguesia as aldeias e cazais seguintes para a parte do norte: Parasais e Sanguesugua, Malho e Sobralinho todos piquenos e para a parte do sul Armadouro e Fos do Ribeyro tambem piquenos.*»

Pessegueiro: «*A Parochia esta o pé do lugar de (Peshigeiro de Baixo). Está da parte de sima do lugar junto das casas do mesmo lugar, disto des pasos. Os Lugares que sam seis: Malhada, Barasal, Carvoeiro, Coelhal, Peshigeiro de Baixo e Peshigeiro de Sima.*»

Fajão: «*A Igreja Parochial esta distante da villa vinte passos a hum lado.*» Os seus lugares, que são Vila de Fajão, Castanheira, Bouças, Seiroquinho, Seiroco, Cavaleiros de Baixo, Cavaleiros de Cima, Sobrais, Covanca, Porto da Balsa e Vale do Pardieiro, haviam já sido enumerados na resposta da terceira questão.

Unhais-o-velho: se o pároco tivesse respondido seguramente teria afirmado que a igreja estava dentro do lugar, e que a paróquia incluía os lugares de Unhais-o-velho, Meãs, Vidual de Baixo, Vidual de Cima, Malhada do Rei e Aziral.

Dornelas: «*A Paróquia está fora da maior parte do lugar, por medear entre este, e aquella hum Ribeiro, ou valle, mas muito junto a ella habitam alguns poucos moradores, tem a freguesia dez lugares ou casaes que vem a ser: Alqueidam, Machial, Carregal, Aduram, Portas do Souto, Selladinhas, Póvoa, Bodellam, Parada e Pizam*».

Barroca: «*Tem a Paroquia a hum lado da terra contigua às mesmas cazas, e nam tem lugares nem aldeias esta Freguezia*».

Janeiro de Baixo: «*Está esta Igreja dentro do mesmo lugar que tem os sete lugares Brejo de Baixo, Brejo de Sima, Souto, Esteyro, Porto de Vaquas, Machialinho, Orgeyro*».

Janeiro de Cima: «*Esta a Paroquia ou Igreja dentro do mesmo lugar de Janeiro de Sima, e não tem a freguesia mais lugares ou aldeias*».

Cambas: «*A Igreja Parochial e matriz está fora do lugar: mas proxima a elle, juncto das cazas da Rezidencia do Parocho: Tem esta freguezia anexas a si nove lugares piquenos como vem a saber: Admoço, Caneyros, Rouco de Sima, Rouco de Baixo, Pizoria, Roqueiros, Torre, Valle do Orvalho, Povoa de Cambas*».

Orvalho: «*A Parochia esta contigua ao lugar, tem quatro lugares: Cazas da Zebreira, AdoGiraldo, Fos do Giraldo, Povoa da Ribeira*».

Madeirã: «*Tem a parochia dentro do lugar*», acrescentando que os seus lugares são nove: Cova, Vilar dos Condes, Vilar Cimeiro, Covinha, Vilarejo, Vila do Meio, Ribeira das Relvas e ainda Vilar d'Amoreira, Padrões. Estes dois últimos, a partir de 1795, integrariam a freguesia da Portela do Fojo (como já foi salientado, parte do lugar de Padrões fazia parte do concelho de Alvares).

***7 – Qual he o seu orago, quantos altares tem, e de que santos, quantas naves tem; se tem irmandades, quantas, e de que santos?*** O orago identifica o santo sob cujo culto e protecção se coloca a freguesia, tornando-se a principal devoção local e também o representante e identificador da terra. Deste modo a afeição popular ao orago revela-se no facto do nome da freguesia incluir o orago antes

do topónimo: «*Nossa Senhora do Pranto da Pampilhosa*», «*São Domingos de Janeiro de Baixo*», «*Nossa Senhora das Neves de Dornelas*», «*São Mateus de Unhais-o-velho*».

Os diversos oragos das paróquias da região são os seguintes:

Pampilhosa: «*Orago he de Nossa Senhora do Pranto (...), tem sinco Altares.*». Assinale-se que nos finais do séc. XV o orago era já Nossa Senhora mas referida simplesmente como «*Nossa Senhora da Pampilhosa*», como comprova um documento de 1480 mandado fazer pelo rei D. Afonso V, pelo qual concede privilégios ao então vigário de Santa Maria da Pampilhosa, Rodrigo Eanes, morador no lugar: concede-lhe licença para comprar bens de raiz até à quantia de 20 mil reais.

Cabril: «*O orago da igreja de Sam Domingos, tem tres altares: o da Capella mor, o da Senhora, à parte do Evangelho, e outro de Sam Bras, à parte da Epistolla.*» XXXXX

Pessegueiro: «Orago da Igreja he o Aposttolo Santo Simam, tem tres altares, dois coleterais, hum de Nossa Senhora do Rozario e outro da Rainha Sancta Izabel.»

Fajão: «O horago da ditta igreja he Nossa Senhora da Assumpção, tem tres altares, no altar mor esta a Senhora da Assumpção e Sancto Teotónio, em hum dos collaterais está Nossa Senhora do Rozario e Sancto Antonio ahonde tambem esta collocado o Sacrario, ao lado esquerdo em outro altar esta Santo Symão e Santo Caettano e o Martir Santo Sebastião.»

Unhais-o-velho: a curta informação a respeito desta paróquia indica que «sua matriz é dedicada a S. Pedro» o que é claramente um engano pois o orago da freguesia é (e, ao que consta, sempre foi) o Apóstolo S. Mateus. Talvez o engano decorra do facto de a igreja albergar uma imagem de S. Pedro (para além de outras dedicadas a S. Domingos, de S. Mateus), datadas dos séculos XVII e XVIII. Possui três altares.

Dornelas: «O orago da Igreja he Nossa Senhora das Neves, tem cinco altares, que vêm a ser o da Capella Mor, o do Divino Espírito Santo, o de Nossa Senhora do Rosário, o de Nosso Senhor Jesus Christo, ou das Almas, e outro de Nossa Senhora da Conceiçam.». Refira-se que a partir de 1672 a igreja de Dornelas, que era dedicada a Nossa Senhora da Conceição passou a ser dedicada a Nossa Senhora das Neves.

Barroca: «O Martir Santo Sebastiam he seu orago, tem tres altares, hum de Santo Sabastiam, outro da Senhora do Rozario, e outro do Santo Christo.»

Janeiro de Baixo: «O orago desta terra hé Santo Domingos, tem tres altares. No Altar mor está só colocado Sam Domingos, orago da mesma igreja, e Santa Urna, e Sam Caetano em hum dos collatraes, está o Devino Espirito Santo em o outro. No outro da outra parte esta no colatral no pé da Senhora do Rozario.»

Janeiro de Cima: «Nossa Senhora da Assumpçam he o orago desta Igreja, e tem coatro altares, o da Capella Mor aonde esta collocada a dita Senhora da Assumpção e Santa Rita e o Santissimo Sacramento (...) e os outros tres altares (são de) Santo Cristo, outro de Santo Amaro e outro da S$^{ra}$ do Rozario.

Orvalho: «He seu orago Sam Bartholomeu Apostolo, nam tem naves, tem tres Altares, hum do Santissimo Sacramento, que he o mayor, em que tambem estam expostos à adoraçam dos Fieis, o mesmo orago Sam Bartholomeu Apostolo, e o Patriarca Sam Francisco; outro Altar do Divino Espirito Santo; e outro de Nossa Senhora do Rozario, tem tres Irmandades, huma das Almas, outra do Divino Espirito Santo e outra de Nossa Senhora do Rozario.»

Cambas: «O orago da Igreja Parochial he o Sancto São João Baptista. Tem a dita Igreja tres altares: o maior, do Senhor São João Baptista, onde está a sua imagem excellente de Pedra fina, à parte do Evangelho: e a imagem de barro muito boa em vulto, da parte da Epistola: e nelle está o Sacrario com o Sanctisimo Sacramento (...?); da parte da Epistola está outro (altar) collateral com a imagem da Sanctisima Trindade e tambem em vulto de madeira o Simulachro de São Brás Bispo e Martyr; outro (altar) da parte do Evangelho com a imagem em vulto e madeira de Nossa Senhora do Rozario. Não tem a dita Igreja Naves: mas he parede de pedra comum com barro e caiada por dentro e por fora.»

Madeirã: «He orago a Senhora do Carmo, com tres altares, o maior (é) da mesma senhora, dois colaterais, o do Senhor das Almas, e o da Senhora do Bom Suceso; he em hua nave só».

Em resumo:

| Paróquia | Orago | Nº de altares |
|---|---|---|
| Pampilhosa | *Nossa Senhora do Pranto* | 5 |
| Cabril | *São Domingos* | 3 |
| Pessegueiro | *Apóstolo São Simão (Pedro)* | 3 |
| Fajão | *Nossa Senhora da Assunção* | 3 |
| Unhais-o-velho | *Apóstolo São Mateus* | 3 |
| Janeiro de Baixo | *São Domingos* | 3 |
| Janeiro de Cima | *Nossa Senhora da Assunção* | 4 |
| Orvalho | *Apóstolo S. Bartolomeu* | 3 |
| Dornelas | *Nossa Senhora das Neves* | 5 |
| Barroca | *Mártir São Sebastião* | 3 |
| Cambas | *São João Baptista* | 3 |
| Madeirã | *Nossa Senhora do Carmo* | 3 |

Estatisticamente, nove (75%) dos oragos são figuras citadas na Bíblia (Nossa Senhora 5, São João Baptista, São Pedro, São Bartolomeu e São Mateus 1); nos restantes encontramos S. Domingos (2) e S. Sebastião (1).

Passemos para as irmandades: uma irmandade (ou confraria) é uma «sociedade pia que os fiéis fazem entre si, debaixo da autoridade de legítimos superiores, para qualquer exercício de piedade, que permita a união e sociedade entre muitos fiéis para contribuírem à glória de Deus e à santificação das almas, segundo as regras da Igreja».

Nas memórias paroquiais os párocos efectuaram uma distinção clara entre irmandades e confrarias, e isto porque na maioria dos inquéritos, referiram um número muito baixo (ou mesmo nulo) de irmandades, em contraste com os registos paroquiais (que eles mesmos faziam), os quais evidenciavam a existência de confrarias em todas as paróquias: habitualmente havia três ou quatro na sede da paróquia e uma nas principais anexas. É natural que as diferenças entre irmandades e confrarias fossem relativas aos objectivos pios que tinham em vista, assim como às contribuições financeiras dos seus membros; as confrarias seriam financeiramente menos exigentes, o que faria com que estivessem ao alcance de uma franja da população de menores recursos. Por exemplo, o pároco de Cambas diz claramente que a sua paróquia «não tem irmandades algumas. Por serem os Parochianos pobres, somente tem umas (...) confrarias»

As memórias paroquiais referem que a Pampilhosa tem uma irmandade de Nosso Senhor e outra de Nossa Senhora do Rosario, Fajão «tem huma irmandade de Nossa Senhora da Assumpção e outra do Santisimo Sacramento» (e ainda, tendo em conta os registos paroquiais, as Confrarias de Nossa Senhora do Rosário, de S. Sebastião, S. Caetano, S. Simão, e do Salvador do Mundo), Dornelas: «tem a Irmandade das Almas, e Confraria do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rozario, e do Divino Espírito Santo» e ainda uma dedicada ao Arcanjo S. Miguel (ao lado do texto principal, a nota: «A Conceiçam he de huma casa particular» refere-se ao facto de a família Cardoso de Carvalho, do Carregal, então uma das principais da paróquia, possuir capela particular.

A paróquia de Janeiro de Baixo «nam tem Irmandades», mas, de acordo com os arquivos paroquiais, tem confrarias: a Confraria de Nosso Senhor, a de Nossa Senhora, a do Espirito Santo, Santo Cristo, São Sebastião (Brejo), Santo António (Brejo), São Mamede (Baralha), São Jacinto (Souto), S. Miguel (Porto de Vacas) e Santa Cruz (Esteiro); a de Janeiro de Cima «não tem mais do que a Irmandade das benditas almas» (as suas confrarias são dedicadas ao Santissimo Sacramento, a Nossa Senhora, a Santo Amaro, ao Divino Espirito Santo).

Os curas de Cabril, Barroca, Pessegueiro e Orvalho não fazem referência à existência de irmandades; mas uma consulta aos registos paroquiais permite afiançar a existência, na Barroca, das confrarias de Nosso Senhor, de Nossa Senhora do Rosário, do Mártir São Sebastião e de São Romão, e no Cabril encontramos as confrarias de Nosso Senhor, de Nossa Senhora do Rosário, de São Brás, e ainda uma dedicada a Santa Apolónia e outra a Nossa Senhora da Conceição, para além da de S. Tiago, em Parasais.

A Madeirã «tem hua Irmandade das Almas» e Cambas tem as seguintes confrarias: «do Sanctisimo Sacramento, a de São João Baptista, a do Divino Espirito Sancto, a da Senhora do Rozario, a de São Sebastião, cuja ermida está sita no simo, e fora do ditto lugar de Cambas, que são administradas por mordomos annualmente eleitos pello Parocho e freguezes da ditta Parochia.»

Para concluir, nos registos paroquiais (e outros documentos antigos) relativos à paróquia de Unhais-o-velho encontramos uma Irmandade das Almas

e ainda as confrarias do Nome de Jesus e de Nossa Senhora do Rosário, do Menino Jesus e de S. Mateus (Unhais), S. Marcos (Meãs), S. António (Vidual de Cima) e S. Bárbara (Vidual de Baixo).

Em resumo, as irmandades eram as seguintes:

| *Paróquia* | *Irmandades* |
|---|---|
| Pampilhosa | (2) *Nossa Senhora do Rosário e Nosso Senhor* |
| Cabril | *Não tem* |
| Pessegueiro | *Não tem* |
| Fajão | (2) *Nossa Senhora da Assumção e Santissimo Sacramento* |
| íUnhais-o-velho | (1) *Almas do Purgatório* |
| Janeiro de Baixo | *Não tem* |
| Janeiro de Cima | (1) *Almas do Purgatório* |
| Orvalho | *Não tem* |
| Dornelas | (1) *Almas do Purgatório* |
| Barroca | *Não tem* |
| Cambas | *Não tem* |
| Madeirã | (1) *Almas do Purgatório* |

Na região em estudo as irmandades e confrarias, de que temos conhecimento (recolhidas nas memórias e nos registos paroquiais), eram dedicadas às seguintes devoções:

| *Nomes das irmandades e confrarias* | *Total* | *Nomes das irmandades e confrarias* | *Total* |
|---|---|---|---|
| Nosso Senhor | 4 | Santíssimo Sacramento | 4 |
| Salvador do Mundo | 1 | Santo Cristo | 1 |
| Nome de Jesus | 1 | Menino Jesus | 1 |
| Nossa Senhora do Rosário | 7 | Nossa Senhora | 2 |
| Nossa Senhora da Assunção | 1 | Nossa Senhora da Conceição | 1 |
| Divino Espírito Santo | 4 | Irmandades das Almas | 4 |
| Arcanjo São Miguel | 2 | Santa Cruz | 1 |
| S. Sebastião | 4 | S. António | 2 |
| S. Amaro | 1 | S. Tiago | 1 |
| S. Apolónia | 1 | S. João Baptista | 1 |
| S. Caetano | 1 | S. Mamede | 1 |
| S. Simão | 1 | S. Romão | 1 |
| S. Brás | 1 | S. Jacinto | 1 |
| S. Mateus | 1 | S. Marcos | 1 |
| S. Bárbara | 1 | | |

***8 – Se o parocho he cura, vigario, ou reitor, ou prior ou abbade, e de que apresentação he, e que renda tem?*** Estas diversas designações (cura, vigário, reitor, prior, abade) correspondem ao título que o pároco usava em virtude de se encontrar à frente, respectivamente, de um curato, vigararia, reitorado, priorado ou abadia. Por sua vez este título era atribuído à paróquia em função da tradição,

dos seus rendimentos económicos e de relações hierárquicas entre paróquias. Na região em estudo existiam três priorados (Pampilhosa, Dornelas, Cambas) cujos priores tinham o poder de apresentar (isto é, designar) curas para as suas anexas (respectivamente Cabril e Pessegueiro; Barroca; Vilar Barroco), passando-se o mesmo com a Vigararia de Janeiro de Baixo, relativamente aos curatos de Janeiro de Cima, Bogas de Baixo e Orvalho. Unhais-o-velho dependia da Covilhã e a Madeirã dependia de Álvaro. Note-se ainda que nos três priorados e na vigararia os párocos tinham coadjutores, os quais usavam o título de cura.

Passemos às respostas:

Pampilhosa: «He Prior o Parocho Apresentado, he do Real Colegio Novo de Santa Cruz de Coimbra, terá de rendimento duzentos e sincoenta mil reis pouco mais ou menos».

Cabril: «O Parocho he cura, (o) qual he apresentado pello Prior da Pampilhosa por ser sua anexa e lhe pertençe rendimentos somente de ser cura: quinze mil Reys e hum alqueire de trigo e hum almude de azeite».

Pessegueiro: «O Parocho he cura, he da aprezentasam do Reverendo Prior da Pampilhoza. Rendas tem vinte mil Reis por huma escritura (?) que lhe de o Prior, a quem toca aprezentaçam, dinheiro que de o povo vem athe vinte e cinco mil Reis».

Fajão: «O Parocho he cura cuja aprezentação pertençe ao Reverendissimo Reytor do Collegio da Sapiencia dos Conegos Regulares de Sancta Cruz de Coimbra, a renda que tem são honze mil reis de congrua e o Reverendo Prior de Villa Cova lhe concorre (?) com mil e quinhentos reis, e de prezente por novo decreto dirão (?) as Missas dos Domingos e dias sanctos pro populo. Lhe da o Reverendissimo Reytor do ditto Collegio cinco mil reis e de Funerais poderá render hum anno por outro vinte mil reis».

Dornelas: «O Parocho desta Igreja he Prior, que por causa dos seus achaques tem encomendado, a apresentaçam he alternativa do Summo Pontifice com o Senhor Bispo, segundo me dizem, a renda que tem serem duzentos mil reis».

Barroca: «O paroco he Cura, a quem aprezenta o Reverendo Prior de Dornelas, e nam tem renda certa».

Janeiro de Baixo:«O Parocho he Vigaryo apresentado por sua Magestade que Deos guarde por muntos annos, pois hé da Coroa do Padroado Real. Tem de renda quarenta e dous mil reis, e sinco alqueyres de trigo pera hos reis (?), e sinco almudes de vinho pera agualhada (?), que se costuma pagar de(*sde*) dia de Sam Thiago the o dia de Sam Miguel, e o pé de Altar que tudo poderá vender oitenta the sem mil reis».

Janeiro de Cima: «O seu Paroco hé cura e he apresentado pello Reverendo Viguario de Janeiro de baxo e tem de renda todos os annos vinte e sete alqueires de pam, metade senteio e metade triguo, quinze almudes de vinho, dous alqueires de azeite, nove mil reis em dinheiro, e o pé de altar».

Orvalho: «He o Parocho Cura (...) o qual appresenta o Reverendo Vigario de Janeiro de baixo (...), tem de congrua vinte e quatro alqueires e meyo de trigo,

trinta e dous almudes de vinho, e nove mil reis em dinheiro».

Cambas: «O Parocho he Prior e he do Padroado Real e he apprezentado por El Rey Nosso Senhor: tem de renda annualmente cento e secenta mil reis athe duzentos: mas tem obrigação de fabricar duas capelas mores que he a deste lugar de Cambas, e a do Villar Barroco, e pagar ao cura do ditto Villar Barroco, e se quizer ser cura nesta igreja matriz lhe ha de pagar o Prior à sua custa (...). O Cura do ditto Villar he apprezentado pello Prior deste lugar».

Madeirã: «Tem cura colado, appresentado pello Comendador Frei Raimundo de Souza da Silva, asistente em Malta. Tem de renda vinte sete mil reis, com pouca diferença.»

Em resumo:

| | |
|---|---|
| Pampilhosa | 250.000 reis |
| Cabril | 15.000 reis, 1 alqueire trigo, 1 almude azeite |
| Pessegueiro | 20.000 + 25.000 reis |
| Fajão | 11.000 + 1.500 + 5.000 + 20.000 reis |
| Unhais-o-velho | (não indicado) |
| Janeiro de Baixo | 42.000 + 80.000 reis, 5 alqueires trigo, 5 almudes vinho |
| Janeiro de Cima | 9.000 reis + pé de altar, 27 alq. pão,15 alm. vinho, 2 alq. azeite |
| Dornelas | 200.000 reis |
| Barroca | (em 1712 a renda era 12.000 reis + pé de altar) |
| Orvalho | 9.000 reis + 24,5 alqueires trigo + 32 almudes vinho |
| Cambas | 170.000 a 200.000 reis |
| Madeirã | ≈ 27.000 reis |

Note-se que as maiores rendas correspondiam aos três priorados (Pampilhosa, Dornelas, Cambas) e que a quarta maior (Janeiro de Baixo) ocorria numa vigararia.

***9 – Se tem beneficiados, quantos, e que renda tem, e quem os apresenta?*** Em primeiro lugar uma explicação rápida: o benefício é o ofício eclesiástico ao qual se encontra anexo o direito, da parte do clérigo que nele é provido, de gozar da renda de certos bens consagrados a Deus, durante toda a sua vida. Os benefícios são seculares ou regulares: os primeiros são os que pertencem a eclesiásticos não professos por votos em alguma ordem religiosa; os segundos são os que não podem ser possuídos senão pelos religiosos. O beneficiado é o titular de um benefício, sendo pelo direito português, em tudo igualados aos clérigos de ordens sacras e gozam dos mesmos privilégios

Nenhuma das paróquias consideradas neste estudo possuía beneficiados, sendo que os párocos de Dornelas («Nam tem Beneficiados, nem rendas para ella») e de Cambas («Não tem beneficiados, nem ha beneficios que os posa ter») salientam o facto de as suas paróquias serem pobres, como justificação para a sua inexistência.

O vigário de Janeiro de Baixo aproveita a ocasião para referir que «apresenta curas pera as suas anexas que sam: Orvalho, Janeyro de Sima, Bogas de baixo.».

Os priores da Pampilhosa e Dornelas que também apresentavam os curas de Cabril, Pessegueiro (o primeiro) e Barroca (o segundo) nada referem a esse respeito.

***10 – Se tem conventos, e de que riligiozos ou riligiozas e quem são os seus padroeiros?*** Nenhuma das paróquias consideradas neste estudo possuía conventos de Religiosos, nem de Religiosas, e isto porque os seus recursos económicos eram fracos e a população diminuta.

É bastante interessante a resposta do pároco de Cambas, que justifica a sua inexistência reafirmando a pobreza da paróquia: «Nam he terra capas de os ter e nem ainda (isto é, *nem sequer*) hum pobre ermitão.»

***11 – Se tem hospital, e quem o administra, e que renda tem?*** Nenhuma das paróquias consideradas neste estudo possuía hospital.

***12 – Se tem Caza da Mizericordia, e qual foy a sua origem, e que renda tem, e o que houver notavel em qualquer destas couzas?*** As Misericórdias são uma criação do reinado de D. Manuel I e do especial empenho da rainha viúva D. Leonor, a que se deu impulso com a instituição da confraria da Misericórdia de Lisboa, em 1498. O Regimento e Compromisso da Misericórdia de Lisboa serviria de modelo à criação das demais Misericórdias que sob aquele signo e impulso se foram progressivamente instalando pelas principais terras do Reino.

No conjunto das paróquias consideradas neste estudo nenhuma possuía casa de Misericórdia, à excepção da Pampilhosa, a qual «foi instituida por hum homem particular, à qual deixou algumas fazendas.»

***13 – Se tem algumas Ermidas, e de que Sanctos; e se estão dentro, ou fora do Lugar, e a quem pertencem?***

***14 – Se acodem a ellas Romagens sempre, ou em alguns dias do anno, e quaes são estes?*** O Prior da Pampilhosa é muito sucinto, referindo apenas a existência de três ermidas, todas na vila, uma dedicada a S. Sebastião, outra a Santo António e a terceira a São Jerónimo. Para além dessas havia mais duas particulares, sendo indicado o proprietário de uma delas. Como, embora com muita dificuldade, parece ser possível ler a designação «Sam Pedro», afigura-se como provável que a referida ermida ainda pertencesse ao mosteiro de S. Pedro de Folques.

Sobre as restantes ermidas (e capelas) da paróquia o Prior nada diz. Sabe-se, usando outras fontes, que na paróquia já existiam várias capelas, dedicadas aos seguintes santos: S. José (Aldeia Cimeira), Nossa Senhora do Carmo (Aldeia Fundeira), S. André (Carvalho), Nossa Senhora da Lapa (Decabelos), S. Ana (Lobatos), S. Bartolomeu (Pescanseco), Nossa Senhora da Nazaré (Sobral de Baixo), S. Lourenço (Sobral Valado), S. João (Soeirinho), Nossa Senhora (Vale Serrão), Senhora da Agonia (Feteira), S. Giraldo (Pampilhosa) e ainda capelas dedicadas a S. Silvestre e S. Martinho, nas quintas de S. Silvestre e S. Martinho, respectivamente.

Apesar de dificuldades na leitura, não parece haver indicação de romagem alguma a nenhuma destas ermidas ou capelas.

O Cabril tem uma ermida dedicada a Santa Apolónia, uma outra dedicada a São Tiago, no local de Parasais, e uma terceira, a Nossa Senhora da Conceição, no local da Sanguessuga. Nelas se diz missa, mas sem dia da festa fixo.

O Pessegueiro tem três ermidas, uma nas Malhadas da Serra (no cimo do lugar) com invocação do Divino Espirito Santo, outra no Carvoeiro (também no cimo do lugar) com invocação do Senhor do Bom Fim, e uma terceira, no Coelhal (ao fundo do lugar), com invocação de Nossa Senhora das Neves. Também não têm dias certo para as festas «porque os seus devotos (as celebram) quando têm ocaziam, (...), tem missa entam, he (nesses dias) que mais acodem os Romeiros.».

Em Fajão, a curta distância da vila existe uma ermida com invocação da Transfiguração do Senhor, no lugar dos Cavaleiros de Cima está outra ermida, dedicada a São Domingos e no dos Cavaleiros de Baixo encontra-se uma ermida, pertencente ao Padre Francisco Gomes Nogueira, da invocação de Nossa Senhora da Graça. No lugar das Bouças está uma ermida dedicada a Santo António, no Seiroquinho e no Seiroco estão outras duas, também dedicadas a Santo António, na Ponte de Fajão a ermida é da invocação de Nossa Senhora da Paz, na Castanheira está uma ermida de São Tiago, no Porto da Balsa está uma ermida de Nossa Senhora da Natividade e na Covanca encontra-se uma ermida de Santo Amaro. Em todas estas ermidas se celebra missa, mas apenas «nos seos dias» (isto é, nos dias da festa).

Em Dornelas existia então fora do lugar (actualmente, dentro do lugar) uma ermida com invocação de São Miguel Arcanjo «que he de toda a Freguesia». A este respeito o Prior Joseph Francisco acrescenta: «Diz o vulgo que teve o seu princípio a capella de Sam Miguel por aparecer huma Sua Imagem em hum monte em frente». Acrescente-se que, na altura da realização do inquérito, a construção da casa do Alferes Manoel Dias de Carvalho – a maior do lugar – havia já terminado, e de forma abrupta, por haver receio de possíveis sequelas do terramoto de 1755; no seu interior foi construída uma pequena capela privativa.

Nos outros lugares da freguesia encontramos: a Ermida de São Lourenço, Mártir, no Alqueidão; no Carregal, a de São Bento; nas Portas do Souto, a de São Tiago, Apóstolo; no Bodelhão (actualmente Aldeia de S. Francisco) a de São Francisco. Todas são sustentadas pelos moradores das terras onde se encontram, não sendo nenhuma destas ermidas objecto de romagem, em alguma altura do ano.

Na Barroca existe uma ermida dedicada a S. Romão e «andam edificando outra para o Senhor d'Agonia. Cada huma esta em seu lado da terra, a de S. Romam pertence ao Povo e a outra está indecisa.». Existia romagem à ermida de S. Romão, em dia determinado, mas que o cura não indicou.

Janeiro de Baixo tem duas ermidas, uma dedicada a São Sebastião e a outra a Santo Cristo, ambas no cimo do lugar. Na paróquia encontramos ainda as ermidas de Nossa Senhora dos Prazeres e de São Mamede no sítio da Baralha, de invocação de Santo António, no Brejo de Baixo, uma dedicada a São Jacinto no lugar do Souto, outra com invocação de Nossa Senhora do pé da Cruz, no Esteiro, e ainda em Porto de Vacas uma ermida dedicada a São Miguel e no Machialinho

uma outra, a São Vicente Ferreira. Todas as ermidas pertencem à igreja local; o cura não fornece informações quanto a romagens, nem dias festivos.

Em Janeiro de Cima existe uma ermida, dedicada ao Divino Espirito Santo «longe do dito lugar sinco ou seis tiros de huma balla», e pertence ao povo. Não tem romagem. Na povoação existe o seguinte interessante costume, que o pároco assim refere: «Ho mesmo povo costuma todos os annos em Domingos desde a Pascoa emthe (*até o*) dia do Devino Espirito Santo (*Pentecostes*) fazerlhe sua festa cantada (...?), e no mesmo dia do Espirito Santo dar hum bodo a quem se acha presente, que vem a ser dous bollos, coatro copos de vinho, dous covelletes de tremossos.»

No Orvalho existem três ermidas, uma dedicada a Santo António e outra a São Sebastião, ambas situadas fora do lugar, embora próximas dele. A terceira, contígua à povoação, com invocação do Santo Cristo (nela está colocado o Senhor Crucificado), pertence a administração dos herdeiros dos padres André Baratta e António Baratta, naturais e moradores no lugar do Orvalho, e fundadores da dita ermida (em meados do séc. XVII). Não se faz romagem a nenhuma das ermidas.

Passemos para Cambas: a sede da paróquia tem uma ermida no cimo do lugar, dedicada a São Sebastião; Ademoço tem uma a Santa Margarida, virgem e mártir (com um altar onde está colocada a imagem da dita santa, administrada pelos moradores do dito lugar); Caneiros tem outra ermida de Nossa Senhora da Conceição, também administrada pelos seus moradores, e às suas custas; o Rouco de Baixo e o Rouco de Cima, que estão contíguos, têm outra ermida, de invocação de Nossa Senhora da Lapa; a Pisuria tem outra ermida, dedicada ao Senhor do Bom Fim, administrada pelos moradores; no Roqueiro está uma ermida de Nossa Senhora das Neves, a qual é administrada por toda a freguesia (pois no Roqueiro só vivia uma única família). Nenhuma das ditas ermidas recebe romagem memorável, à excepção da do Senhor do Bonfim da Pisuria, «que athe o prezente tem acorrido algumas pesoas em romagem, principalmente no tempo do verão; mas ja vai extincta a devoção nesta parte.»

No sul do concelho de Alvares, perto da Amoreira cimeira e da Amoreira fundeira fica a Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, a que concorrem romeiros no dia oito de Setembro, dia em que se celebra a sua festividade.

Concluímos com a Madeirã: possui duas ermidas fora do lugar, dedicadas ao Senhor do Val Terreiro, e a S. Matheus, ambas administradas pelo povo. Existe mais uma outra ermida, de invocação de Santa Justa, no lugar da Cova, administrada pelos moradores do mesmo, e aonde acodem muitas pessoas em romagem a 29 de Setembro, dia de São Miguel.

Em resumo temos 60 ermidas: 15 dedicadas a várias invocações de Nossa Senhora, 7 a Nosso Senhor Jesus Cristo, 2 a São Miguel Arcanjo, 1 ao Divino Espírito Santo e 35 dedicadas a diversos santos (os mais populares são S. António (5) e S. Sebastião (4)).

***15 – Quaes são os fructos da terra, que os moradores recolhem com maior abundancia?*** A resposta do prior da Pampilhosa está ilegível, mas seguramente

não seria muito diferente das dos párocos do Cabril e Pessegueiro: ambos afirmam que os frutos que se recolhem com maior abundância são castanhas e azeite. O de Pessegueiro realça a pobreza da produção local ao acrescentar «...e tudo pouco.»

O de Fajão limita-se a referir que os frutos da terra são castanhas, pão e algum milho e mel. Não há informações relativas a Unhais mas será de esperar que na sua produção local (de maior abundância), encontremos o azeite, as castanhas, o vinho e o milho, tal como nas paróquias vizinhas.

Em Dornelas os frutos da terra que os moradores recolhem são centeio (pouco), trigo (muito pouco), vinho, azeite, milho e ainda castanhas, «tudo em pouca abundancia, e à força de muita industria e trabalho»: também na Barroca se produz azeite, milho e vinho, tudo em quantidades moderadas, e também à custa de muito trabalho dos habitantes locais (ou «habitadores», segundo o pároco local).

Tanto em Janeiro de Baixo como em Janeiro de Cima os frutos da terra são poucos, porém há «de todas as qualidades», a saber: centeio, trigo, milho, castanha, vinho, azeite, mel e cera. Os produtos que existem, em maior abundância, são o azeite e as castanhas.

Em Cambas o que se produz em maior quantidade é o centeio, o azeite, as castanhas, algum mel, cera, trigo, linho (pouco) e milho (muito pouco). No Orvalho encontramos as seguintes produções: trigo, centeio, milho, feijões, castanhas, azeite, vinho e linho, sendo que o feijão é, de entre estes produtos, o menos abundante.

Finalmente, o pároco da Madeirã é o que dá menos informações: «Os frutos que recolhem os moradores desta Freguezia em mayor abundancia são castanhas.»

***16 – Se tem juis ordinario da Camara: ou se está sujeita ao governo das justissas de outra terra; e qual he esta?*** Antes de referir as respostas dos párocos impõe-se uma pequena explicação relativa às obrigações dos juízes ordinários e de vintena: ao juiz ordinário compete fazer as audiências nos dias determinados, nos limites das suas alçadas, conhecer dos feitos das injúrias verbais, tirar devassas particulares sobre matérias fixadas nas Ordenações e devassas gerais (logo que comecem a servir) sobre os juízes que antes serviram, saber se os almotacés usam dos seus ofícios como devem, recebendo-lhes as apelações e agravos por processo verbal. Para além disso deverão escolher anualmente homens bons nas aldeias para servirem de juízes de vintenas.

Por sua vez, o juiz de vintena (ou pedâneo), era escolhido pela câmara, de entre os homens bons das aldeias com mais de 20 vizinhos. Competia-lhe conhecer e ajuizar verbalmente as contendas entre vizinhos até um pequeno montante fixo, assim como das coimas e danos entre os moradores. Não efectuaria julgamentos relativos a contendas de bens de raiz e sobre crimes. Cumpriria as ordens, posturas e mandamentos das câmaras, trazendo à câmara os presos, os gados soltos, aplicando as coimas debaixo da sua alçada e recolhendo-as ou colaborando na sua colheita com os respectivos rendeiros dos verdes, das

coimas, ou outros. Tinha funções semelhantes às do juiz de paz e, tal como estes, procurava evitar que pequenos conflitos locais chegassem à barra do tribunal.

Passemos às respostas: apesar de estar quase ilegível, as memórias paroquiais da Pampilhosa parecem indicar que o juiz dessa vila é ordinário, o que faz sentido visto ser sede de concelho; já o do Pessegueiro é de vintena (pedâneo), estando essa paróquia sujeita à justiça da Vila da Pampilhosa. Também no caso do Cabril encontramos um juiz pedâneo, posto pela câmara de Pampilhosa.

O juiz de Fajão é ordinário, sendo confirmado pelo Doutor Corregedor da Cidade da Guarda; trata-se de uma informação interessante por evidenciar que, apesar de integrar outra diocese, sob ponto de vista da justiça, a Vila de Fajão encontrava-se sujeita à Guarda.

Dornelas não tem juiz ordinário, mas sim juizes do Povo «que sam executores das Ordems de Sua Magestade, que Deos guarde, distribuidas ou dadas pelo juiz de fora da Villa do Fundam, a cuja justiça está sujeita»; a Barroca e o Orvalho não têm juiz ordinário, estando também ambas as paróquias sujeitas ao governo da Justiça do Fundão.

Tanto a paróquia de Janeiro de Baixo, como a de Janeiro de Cima, e a de Cambas possuem juiz «espadano» (trata-se de corrupção popular do termo «pedâneo»), e não ordinário, estando também ambas sujeitas à justiça do Fundão.

Por fim, a Madeirã encontrava-se sujeita aos juízes ordinários da Vila de Álvaro, da qual havia sido desanexada.

***17 – Se he couto, cabesa de conselho, honra, ou behetria?*** Trata-se de uma questão que pergunta, essencialmente, se a terra é de El-rei («cabeça de conselho») ou se é particular («Honra, Couto ou Behetria»; estas três designações têm a ver com a forma de atribuição do território ao proprietário, baseada, respectivamente, na tradição (Honra – terra imune, pertencente a um nobre e limitada por marcos divisórios), por mercê de El-rei; Couto – distrito de uma jurisdição particular de que o rei fez mercê a certo senhorio ou por escolha dos moradores; Beetria – territórios cujos habitantes tinham o privilégio de eleger senhor que os defendesse, protegesse e guardasse as liberdades adquiridas).

Note-se que a pergunta parece estar mal formulada pois, quando a terra é da coroa, não tem obrigatoriamente de ser sede de concelho; e, com efeito, encontramos aqui por diversas vezes essa situação.

Vários párocos não respondem à questão; os restantes (exceptuando, como é evidente, os das vilas), limitam-se a responder negativamente. Todas as paróquias consideradas são pertença da coroa sendo a Pampilhosa e Fajão sedes de concelho, e as restantes anexas dos concelhos da Pampilhosa, Fundão, Covilhã e Álvaro, como visto aquando da resposta à quinta questão.

***18 – Se ha memoria de que florecessem, ou della sahissem alguns homens insignes em virtude, letras, ou armas?*** Interpretando à pergunta à letra (que foi o que a maior parte dos párocos fizeram) a resposta à questão seria negativa relativamente a todos as freguesias consideradas, isto é: «Nam há memória que nelle houvessem ou do mesmo lugar, e freguesia sahissem, homens insignes por

virtudes, letras ou armas». No entanto os párocos de Cambas e Orvalho realçam que, das suas paróquias, haviam saído vários religiosos:

Cambas: «...somente ha certeza que nesta terra e sua freguezia se ordenaram sinco sacerdotes e hum subdiacono».

Orvalho: «...tem havido nesta terra muitos sacerdotes, huns Relligiozos e outros seculares».

É claro que, sob esse ponto de vista, de todas as outras paróquias também saíram pessoas com algum relevo, pois em todas elas nasceram futuros sacerdotes, assim como membros de ordens religiosas, que prestaram serviço tanto na região como fora dela. Alguns conseguiram integrar o cabido das dioceses; temos conhecimento de que, de Dornelas, saíram, durante o séc. XVII, dois padres (tio e sobrinho) que foram cónegos em Coimbra, que no séc. XVIII um padre originário da Barroca se tornou cónego em Évora e que, também no decorrer desses dois séculos surgiram em Padrões (perto da Amoreira) três homens que viriam a ser cónegos em Coimbra (2) e na Guarda (1). Quase de certeza que outros sacerdotes oriundos da Pampilhosa, Fajão ou Janeiro de Baixo terão também atingido cargos de semelhante relevo, principalmente nas Sés de Coimbra e da Guarda, as mais próximas. E, sob o ponto de vista militar, são conhecidos os nomes de vários capitães de ordenanças que durante esses séculos viveram na região: Custódio Homem (na Pampilhosa), Joaquim de Carvalho e João de Proença Cardozo de Carvalho (em Dornelas), Simão Pereira, pai e filho (em Janeiro de Baixo) e Simão Afonso de Carvalho (na Barroca), são alguns exemplos.

***19 – Se tem feira, e em que dias, e quantos dura, e se he franca, ou captiva?*** Uma feira franca é, por oposição às cativas, uma feira em que os vendedores e os compradores não têm de pagar portagem e impostos; foram criadas para incentivar o comércio em algumas regiões do país.

Os diversos párocos da região em estudo respondem a esta questão unanimemente pela negativa: nenhuma das paróquias tinha feira ou mercado.

Saliente-se que no norte do país a existência de feiras encontra-se intimamente associada à existência dos concelhos, sendo a sua periodicidade quinzenal ou mensal. O facto de nesta região não haver feiras (nem sequer nas vilas) dever-se-á seguramente ao facto de a região ser pobre e pouco povoada.

***20 – Se tem correio, e em que dias da semana chega, e parte? E se o não tem, de que correio se serve; e quanto dista a terra aonde elle chega?*** Data de 1520 a criação do cargo do Correio-mor que institui em Portugal um «serviço público» dos correios. Pelos finais do século XVI aparecem já os primeiros correios ordinários que saem em data mais ou menos regular e levam a correspondência para os diferentes destinos e principais terras do reino. No testemunho das Memórias Paroquiais em 1758 está já perfeitamente implantada a nível nacional uma rede de correios que serve as necessidades públicas e privadas e põe, pelo menos semanalmente, em contacto, através da estrutura de um serviço fixo de diligências, as principais terras do Reino.

Nenhuma das paróquias da região em estudo tem correio; mas utilizam o de algumas vilas ou cidades, um pouco afastadas, a saber:

| *Paróquia* | *Distância à localidade de onde vem o correio* |
|---|---|
| Pampilhosa | 7 léguas (Figueiró dos Vinhos) |
| Pessegueiro | 5 léguas (Figueiró dos Vinhos) |
| Madeirã | 5 léguas (Figueiró dos Vinhos) |
| Cabril | (não indicado) |
| Janeiro de Baixo | 5 léguas (Fundão) |
| Janeiro de Cima | 5 léguas (Fundão) |
| Dornelas | 4 léguas (Fundão) |
| Barroca | 3 léguas (Fundão) |
| Orvalho | 5 léguas (Fundão) |
| Cambas | 6 léguas (Fundão) |
| Fajão | 10 léguas (Coimbra) |

O cura do Pessegueiro informa que o correio é recebido à quinta-feira; a paróquia de Cambas recebe-o ao sábado, vindo do Fundão, e na sexta-feira, vindo de Castelo Branco.

***21 – Quanto dista da cidade capital do bispado; e quanto de Lisboa, capital do reino?*** As respostas dadas pelos párocos estão resumidas no seguinte quadro:

| *Paróquia* | *Distância à sede do Bispado* | *Distância a Lisboa* |
|---|---|---|
| Pampilhosa | 15 léguas (Guarda) | 35 léguas |
| Pessegueiro | 15 léguas (Guarda) | 35 léguas |
| Cabril | 14 léguas (Guarda) | 37 léguas |
| Janeiro de Baixo | 14 léguas (Guarda) | 40 léguas |
| Janeiro de Cima | 14 léguas (Guarda) | 40 léguas |
| Dornelas | 12 léguas (Guarda) | 40 ± 1 léguas |
| Barroca | 12 léguas (Guarda) | 40 léguas |
| Orvalho | 12 léguas (Guarda) | 41 léguas |
| Cambas | 15 léguas (Guarda) | 40 léguas |
| Fajão | 10 léguas (Coimbra) | 40 léguas |

O cura do Pessegueiro consegue o feito de fazer com que a sua paróquia se afaste de Lisboa enquanto responde ao inquérito, pois começa o mesmo afirmando que esta dista «trinta (*leguas*) à Sidade Capital do Reino, de Lisboa», mas ao chegar à questão 21 essa distância aumentou para «trinta e sinco Legoas.». É evidente que a primeira informação está errada.

Para além dos dados referidos no quadro, o Prior da Pampilhosa informa ainda que essa vila se encontra a nove léguas da Cidade de Coimbra.

***22 – Se tem alguns privilegios, antiguidade, ou outras couzas dignas de memoria.*** Exceptuando a Vila de Fajão, que em 1758 ainda conservava alguns privilégios dos Cónegos Regulares do Colégio da Sapiência de Santa Cruz de Coimbra, nenhuma das outras paróquias possuía privilégios, antiguidades, ou outras coisas dignas de memória.

***23 – Se ha na terra, ou perto della, alguma fonte, ou Lagoa celebre; e se as suas aguas tem alguma especial virtude.*** Em nenhuma das paróquias consideradas neste estudo existe alguma lagoa célebre, nem as águas das suas fontes possuem virtudes especiais. Mas os párocos de Fajão e da Pampilhosa procuram ser mais detalhados, focando a temperatura da água:

Fajão: «...a qualidade das aguas he munto fria.»

Pampilhosa: «Nam ha noticia que as fontes da terra tenham algumas qualidade notaveis, mais que serem delgadas e frescas de veram e quentes no Inverno quando vem da fonte.»

***24 – Se for Porto do mar; descreva-se o sitio, que tem por arte, ou por natureza; as embarcações que o frequentão, e que pode admittir?*** Trata-se da pergunta mais fácil de responder. Visto que todas estas paróquias estão situadas no interior do país nenhuma delas é porto de mar.

***25 – Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seos muros, se for praça d'armas descreva-se a fortificação; se ha nella ou seo destricto* (concelho) *algum castello, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente.*** Em nenhuma das paróquias em estudo se encontra alguma terra murada, praça de armas, castelo ou torre antiga. A resposta do pároco de Cambas é a mais interessante pois, segundo ele, não se encontra fortificação alguma de carácter militar na região, existe «...só algum Penedo alto, que o Autor da Natureza criou quando criou o mundo.»

***26 – Se padeceo alguma ruina no terremoto de 1755, e em que? E se está já reparada?*** Em nenhuma destas paróquias há relatos de alguma ruína relacionada com o terramoto de 1 de Novembro de 1755. No entanto, os párocos dos dois Janeiros fazem as seguintes interessantes observações:

Janeiro de Baixo: «...algumas Fontes se lhe mudou a Cor das agoas e o Rio Zezere se apartou em algumas partes.»

Janeiro de Cima: «...as agoas do Rio (*Zêzere*) espumaram.»

Também nas águas da Amoreira Fundeira foram sentidos alguns efeitos. Segundo o prior de Alvares: «Por conta do terramoto não houve (*em Alvares*) prejuizo algum (...) só em as fontes houve uma no sitio de um lugar da minha freguesia chamado a Amoreira Fundeira que esta não manava água antes do terramoto e depois dele a lançava em abundancia».

***27 – E tudo mais, que houver digno de memoria, de que não faça menção o presente Interrogatorio.*** A esta questão todos os párocos foram unânimes na inexistência de factos de relevo que valesse a pena relatar; por exemplo, o de Cambas escreveu: «Não há nesta terra ou sua freguezia couza digna de memoria que se haja de escrever.».

Mas o que estas respostas mostram é que todos, infelizmente, decidiram seguir a lei do menor esforço; seguramente haveria alguma lenda que teriam podido contar ou algum acontecimento fora do vulgar, de que teriam tomado conhecimento, caso se tivessem dado ao trabalho de interrogar os anciãos locais.

### 3. As memórias – a serra

Tendo em conta que a maior parte destas paróquias se encontra situada entre dois rios (Zêzere e Unhais) e algumas ribeiras, e que no território delas não existem serras muito altas, mas antes pequenos montes, vales e outeiros, a maior parte dos párocos preferiu não responder, ou dar respostas curtas às questões relativas à serra local.

***1 – Como se chama (a serra)?***

***2 – Quantas leguas tem de comprimento; e quantas de largura; aonde principia, e acaba?***

***3 - Os nomes dos principaes braços d'ella.***

O prior da Pampilhosa refere sucintamente: «Esta Villa (*está*) entre serras.» Com efeito a leste está a serra do Açor, mais a norte a Gardunha e ainda mais a norte a serra da Estrela... mas aí já se está no concelho da Covilhã! Segundo o mesmo pároco «pera aparte do Norte» a serra que passa perto da Pampilhosa «prencepia na Serra da Estrela» e «pera parte de Sul vam continuando as serras em the Alentejo, que seram doze Legoas».

O pároco de Fajão refere que ao pé da vila de Fajão há uma serra que «se chama de Roxa (*Rocha*) Fria e é hum braço da Serra da Estrela, que tem seo principio nas aguas de Ceyra, onde o tem tambem o Rio chamado Ceyra...». Fajão encontra-se situada numa espécie de concha rodeada de montanhas, tendo à esquerda os rochedos de Penalva e o cabeço da Mata, para a direita a Serra da Rocha (a Rocha Fria, citada pelo cura), à rectaguarda a Serra da Amarela e em frente o Picoto de Cebola. Ainda, segundo o mesmo pároco a dita serra da Rocha Fria «vay continuando athe o lugar do Espinhal, do comprimento de quinze ou dezaseis leguas e de largura em partes hua legua, em outras legua e meia, tem hum alto a que chamão a Roxa fria e onde se congela muita neve tambem na mesma.»

Mais a sul encontramos Dornelas, localizada num baixio junto ao Zêzere. Na sua paróquia encontramos a Serra do Carregal em cuja encosta estão situados três lugares da freguesia (Carregal, Adurão e Portas do Souto) e dois que já lhe pertenceram, mas que a partir de 1836 passaram a fazer parte da de Unhais-o-velho (Seladinhas e Póvoa da Raposeira). Por seu lado o lugar de Unhais-o-velho encontra-se rodeado por uma cordilheira de Penedos, que vai desde o Vale da Lapa ao Penedo Derradeiro.

Janeiro de Baixo também possui algumas (pequenas) elevações; mas a sede da paróquia está situada junto ao rio, tal como Janeiro de Cima. Esta última povoação

está «em hum baixo plano, que della ao dito Rio sera a distancia de dous emthe tres tiros de huma balla...». Na região de Cambas «...não ha serra que tenha nome proprio, nem tenha cumprimento ou largura memoravel, porque a freguezia he composta e montes, valles e outeiros», mas na do Orvalho encontramos algumas elevações: «Por este lugar pela parte do poente pasa hum Serra chamada, nas vizinhanças deste mesmo lugar, Serra do Brejo, he em partes muy pedregoza, e tem rochas (altas?) em maneira de eminentes torres e sublimes edificios». Acrescente-se que ao escrever assim o cura do Orvalho exibiu alguma erudição pois a expressão «eminentes torres e sublimes edificios» encontra-se na «Eneida» de Virgílio. Este pároco salienta que a serra do Brejo faz parte de uma outra, muito maior, a respeito da qual fornece muitos detalhes: «Seu principio dizem ser no mar nas vizinhanças de Aveyro, e seu fim em o Reyno de Castella, terá de comprimento sincoenta legoas pouco mais ou menos, mas he de muy pequena largura, passa (*pelo*) Bispado junto a Arganil, pela villa de Santa Comba, Azere, Coja, Fajam, no Bispado de Coimbra. Pello lugar de Janeiro de Bayxo, Orvalho, Sarnadas de Sam Simam, no Bispado da Guarda. Pella cidade de Portalegre, Marvam e Alagoate na Provincia de Alem Tejo, por Albuquerque, honde entra no Reino de Castella. Os principais braços desta serra dizem ser Boçaco, Açor, Fajam, Janeiro de Bayxo, Orvalho, Sarnadas de Sam Simam, Portalegre, Alagoate.»

***4 – Que rios nascem d'entre de seo sitio, e algumas propriedades mais notaveis d'elles: as partes para onde correm; e onde fenecem?*** Na região em estudo não nasce nenhum rio considerado importante, apenas alguns ribeiros, «somente em alguns valles destes montes correm alguns pequenos ribeiros» (*MP de Cambas*) que vão desaguar em rios maiores. No entanto, nas proximidades da mesma (mais exactamente, na Serra do Açor, perto do Piódão) nasce o Rio Unhais, corroborando parcialmente o Prior da Pampilhosa quando este afirma que «Os rios que nascem entre ellas (as serras situadas perto da Vila da Pampilhosa) he a Ribeira Unhais».

***5 – Que villas e lugares estão assim na serra, como ao longo d'ella?*** É uma pergunta pouco clara. É provável que o inquiridor desejasse saber quais, de entre os lugares referidos na primeira secção (na pergunta 6), se encontram no interior do território da paróquia (os restantes, assume-se que estariam ao pé do mar ou junto dos rios e ribeiros). Mas os párocos não o entendem assim, e todos remetem para as respostas dadas anteriormente: «Nesta Serra, termo e freguesia não ha mais Villas que esta de Fajão, nem lugares mais que os que ficão declarados no quinto interrogatorio» (*MP de Fajão*), «Pellos montes e valles da freguezia estão os cazais, ou lugares pequenos pertencentes a esta freguezia mencionados nos primeiros interrogatorios do Rol, junto no numero serto» (*MP de Cambas*), «Nessa Serra nam estam villas nem lugares ao longo della, e nas suas vizinhanças estam as Terras acima mencionadas, por onde pasa» (*MP de Orvalho*).

***6 – Se ha no seo destricto* (concelho*) algumas fontes de propriedades raras?*** Em todas as paróquias em estudo, não há conhecimento de fontes que tenham especial nome, ou qualidades.

***7 – Se ha na Serra minas de metaes, ou canteiros de pedras, ou de outros materiaes de estimação?*** Encontram-se algumas destas minas, especialmente no norte da região em estudo: o prior da Pampilhosa refere que «...ha no sitio do lugar do Pescanseco hua veia de pedras que parese estanho», o de Fajão salienta ser «tradição muito antiga (a existência) de huma Mina chamada do Sarnalhozo ahonde varias pesoas deste Reyno têm feito grandes despezas, porem tudo baldado.»

Os párocos de Dornelas, Barroca, Janeiro de Cima e de Baixo, Cabril nada dizem a este respeito provavelmente por não haver nas suas paróquias nenhuma exploração mineira (mas saliente-se que no séc. XIX viria a existir em Adurão, freguesia de Dornelas, um local de exploração de pedra). Um pouco mais a sul o de Orvalho é peremptório: «Nam ha minas de metaes, nem canteyros de pedras ou outros materiaes de estimaçam.», assim como o de Cambas: «Em toda esta freguezia, e seu lemite, não há canteiros de pedras: por que todas as que há, são de pisarra e seixos a que chamão rebogos, tudo de pouco valor, e estimação; nem ha minas de metaes alguns.»

***8 – De que plantas, ou hervas medecinaes he a serra povoada, e se se cultiva em algumas partes; e de que genero de frutos he mais abundante.*** Na paróquia da Pampilhosa, a Serra «he povoada de Azinheiras, Medronheiros e Matos de que se faz carvam, e Estevas, Carqueijas». Em Dornelas o que se encontra na serra «...são mattos incultos»; mas nas suas regiões baixas (isto é, perto do rio e das povoações) «...se cultiva e semeia pão, trigo, centeyo e milho.». Seguramente o mesmo se passa junto das margens de Janeiro de Baixo e de Cima, assim como nas margens do Zêzere, em Cambas, onde também se produz trigo, «mas pouco».

Na região do concelho de Alvares e que actualmente corresponde à freguesia da Portela do Fojo as principais espécies que agora existem são a Carqueja, o Castanheiro, o Eucalipto, o Feto, a Lantisca, o Medronheiro, o Pinheiro-Bravo, o Tojo, o Trovisco e a Urze; exceptuando o eucalipto, de introdução recente, é provável que o panorama de há 250 anos fosse bastante semelhante.

O prior de Cambas assinala que na sua freguesia «em algumas partes se cultiva para dar centeio (...)» e o cura de Orvalho refere que nos campos da sua paróquia «se produz algum trigo e senteyo».

Em toda a região em estudo é possível encontrar muitos castanheiros e oliveiras, mas apenas os párocos de Cambas e Orvalho salientam esse facto: «He muy abundante ho castanheiro...» (*MP de Orvalho*), «As plantas de que mais se (encontra) pelos montes he de castanheiros e algumas oliveiras...». Para além disso, encontra-se muito mato inculto: «...o mais mato he infructifero e bravo, só serve de alimento às abelhas e algum pouco gado, bois e cabras, que pastam nos ditos matos» (*MP de Cambas*).

Nenhum dos párocos faz referência à existência, na região, de ervas medicinais.

***9 – Se ha na Serra alguns mosteiros, igrejas de romagem, ou imajens milagrosas.*** Na região serrana das paróquias em estudo, não há conhecimento de mosteiros, Igrejas de Romagem, ou imagens milagrosas.

***10 - A qualidade do seo temperamento.*** Todos os párocos que responderam a questões sobre a serra, estão de acordo em afirmar que, no inverno, a região é muito fria:

Pampilhosa: «A qualidade do seu clima he ser frio.»

Fajão: «...a qualidade de seo temperamento he muito fria no inverno, a mayor parte do tempo esta cuberta de neve.»

Orvalho: «Seu temperamento he frio, como bem se nota da propriedade de suas agoas que sam summamente frias.»

Cambas: «O temperamento destes montes e valles he serem frigidisimos no Inverno sobjeitos a cobriremse de neve, e grandes degelos»

O prior de Cambas acrescenta ainda que o facto de esses mesmos montes também serem «...de verão calidos em grande maneira (isto é, muito quentes)...» e, portanto, haver grandes variações de temperatura ao longo do ano, é motivo suficiente para estarem «...os seos habitadores sobjeitos a todo o genero de molestias principalmente maleitas.»

***11 – Se ha n'ella creações de gados, ou de outros animaes, ou caça.*** Há alguma criação de gado; mas pouca. Nos montes da paróquia da Pampilhosa existe criação de cabras, tal como em Fajão: «Os gados que nella (*a serra*) se crião são cabras e ovelhas». Apesar de não haver informação disponibilizada por muitos dos párocos é natural que nas outras paróquias também existisse alguma (*reduzida*) criação de gado ovino e caprino. O prior de Cambas afirma que «as criaçoens de gado, como são infructiferos os montes que nem erva criam, são poucas, (...) só para pastarem cabras, ou bois, que comem o mato silvestre. Mais a oriente, o pároco do Orvalho refere que «Nam ha nesta Serra criaçons de Gados, nem de outros animais».

No que se refere à caça selvagem, encontramos bastantes coelhos e perdizes em praticamente toda a região: «...há muitos coelhos e algumas perdizes» (*MP de Cambas*), «...nestas vizinhanças he abundante ho Coelho e Perdizio» (*MP de Orvalho*) «...a caça que se cria são coelhos, perdizes...» (*MP de Fajão*). O cura de Fajão acrescenta ainda que também existem porcos monteses (isto é, javalis).

Note-se que nenhum dos párocos se refere a lobos, raposas, e outros animais selvagens (exceptuando os javalis). É verdade que estes predadores não integram os diversos tipos de gado (bovino, ovino, caprino), mas mereceriam referência por ocasionalmente atacarem alguns dos referidos animais, afim de se alimentar. Matilhas de lobos não desdenhariam atacar pessoas isoladas, caso estivessem com fome, e as raposas de certeza que apreciariam fazer alguma razia às capoeiras que encontrassem.

***12 – Se tem alguma lagoa, ou fójos notaveis.*** Em todas as paróquias em estudo, não há conhecimento de lagoas ou fojos notáveis.

***13 – E tudo o mais, que houver digno de memoria.*** Nenhum dos párocos deu alguma informação relevante.

## 4. As memórias – o rio

O actual concelho da Pampilhosa da Serra encontra-se delimitado a sul pelo Zêzere, a norte e ocidente é atravessado pelo Unhais e pelo Ceira, havendo ainda muitos pequenos ribeiros que o sulcam; por tal motivo não é de estranhar que a vida destas populações tenha sido bastante moldada pelos diversos cursos de água existentes e que, sobre esse assunto, os párocos tenham muitas informações disponíveis.

***1 – Como se chama assim o rio, como o sitio onde nasce.*** Nos tempos actuais o rio Unhais delimita, pelo ocidente, o concelho da Pampilhosa. Em 1758 ainda não era o caso e o Prior dessa vila limitou-se a informar que o rio que por ela passa «chamasse a Ribeira Unhais por nascer em hum lugar que se chama Unhais o Velho». Esta última informação está incorrecta, não sendo nessa paróquia que se localiza a nascente do rio. Por seu lado, o pároco do Cabril, que deu uma motivação diferente para o nome do rio «...deste luguar à parte do sul corre huma ribeyra arebatada e chamada de Unhays-o-Velho, por passar primeyro por o luguar deste nome», engana-se no nome!

Um pouco mais a norte encontramos o Ceira, que (tal como o rio Unhais) nasce na Serra do Açor, passa em Fajão e, segundo palavras do cura dessa vila «fenyce (morre) no lugar de Ceyra, junto a Coimbra».

Na parte sul da região estudada encontramos o Zêzere que «nasce na Serra da Estrela volt(ado) para o Nascente» (*MP de Dornelas*), «juncto à Villa de Manteigas, destricto da Cidade da Guarda» (*MP de Cambas*), «em hum sitio chamado Cantaros» (*MP de Janeiro de Cima*) e que, segundo os párocos de Janeiro de Baixo e de Cima, «...por tradiçam dizem se chamar Zezere por nelle (*isto é, nas suas margens*) ter habitado Sezar (Júlio César)» (*MP de Janeiro de Baixo*), quando veio à Península Ibérica combater os lusitanos. Acrescente-se que o pároco do Teixoso (exterior à região analisada) fornece explicações mais detalhadas: «O Zesere, que de Julio Cesar tomou o nome, quasi fluvius Cesaris charus, tem seu principio na mesma Serra na rais do Cantaro Agudo, ou Magro»

Muito outros cursos de água, mas de reduzida dimensão, sulcam a região que actualmente corresponde ao concelho da Pampilhosa da Serra. De entre estes citamos dois por, apesar de pequenos, serem os principais das freguesias de Orvalho e Pessegueiro: «...só ha (no Orvalho) huma Ribeira piquena, terá de cumprimento huma legoa, pouco mais ou menos, seu princípio he no limite desta terra e seu fim he no Rio Zezere junto ao lugar de Cambas neste Termo e Bispado» (*MP do Orvalho*) e «Por este Lugar de Peshigeiro corre huma ribeira a qual se chama Ribeira de Peshigeiro, nasce na mesma freguezia no lugar do Barasal, em huma fonte que nunca seca e nem nunca a sua corrente por correr sempre por terra munto aspera, sam suas agoas muntas claras e frias» (*MP do Pessegueiro*). É estranho que o cura de Pessegueiro não refira o rio Unhais que delimita a sua paróquia pelo sul...

***2 – Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o anno.*** O rio Unhais «honde nasce, he hum piqueno regato» escreve o Prior da Pampilhosa. Passa por Unhais-

o-velho, atravessa altos penhascos, e ao sul do Cabril, segundo o cura local, «corre todo manso, porem com prodigio de natureza passa entre humas penhas munto altas e munto asparas, à parte do nascente aonde confina com a freguesia de Unhais-o-velho». Ao chegar à Pampilhosa «sempre corre perene».

A respeito do rio Ceira, o cura de Fajão diz que «todo o anno corre caudelozo»

Quanto ao Zêzere: «Nasce logo grande, como huma grande Ribeira» diz o pároco de Cambas, salientando que, devido ao forte caudal, duas léguas depois da sua nascente, já só pode ser atravessado em pontes de pedra. «Todo o anno corre mais ou menos, conforme os tempos», diz o pároco de Dornelas; os da Barroca, de Janeiro de Baixo e de Janeiro de Cima concordam. Mas o desta última paróquia fornece mais uns interessantes detalhes: «...no anno de 1755 e 56 no tempo do verão não levava mais aguoa do que para moer hum moinho ou dous, e em alguns dias nem ainda para hum moinho».

***3 – Que outros rios entrão n'elle, e em que sitio.*** O rio Unhais «entra no Rio Zezere, daqui a sinco Legoas», informa o prior da Pampilhosa; mas não refere a existência de algum ribeiro que entre no Unhais.

A respeito do Ceira o cura de Fajão escreve o seguinte: «No principio desta Serra nas aguas de Ceyra (...) nasce hum Rio chamado o Ceyra que discorre para o Rio Mondego em o qual se mette em o lugar de Ceyra junto a cidade de Coimbra, huma legua (de distância), (é) abundante de aguas de Inverno e de Verão, que nunca seca por não ter areas», acrescentando que «nelle não entra rio algum».

Quanto ao Zêzere: enquanto que o cura da Barroca ignora se nele entram outros cursos de água, o de Dornelas é peremptório ao afirmar que «Nam entram nelle outros rios alguns». Mas quem dá as informações mais correctas é o prior de Cambas: «Nelle não entra outro Rio memoravel, só entrão muitos ribeiros e regatos (...) como a Ribeira da Meimoa em Alcaria, e a Ribeira de Unhais (...), em Ourondo, e a Ribeira de Bogas e Janeiro de Baixo, e a Ribeira de Cambas no mesmo lugar de Cambas».

***4 – Se he navegavel, e de que embarcações he capás.*** O rio Unhais «nam he navegavel nem capas disso» (*MP da Pampilhosa*).

O rio Ceira «...por ser muito caudalozo e ter muitas pedras no seo alvio (?), e (ter) corrente, e em muitas partes ser muito apertado, he inavegável» (*MP de Fajão*).

Quanto ao rio Zêzer: os párocos de Dornelas e da Barroca sabem que ao pé das suas aldeias é possível atravessar o rio, de barco: «Nam he navegavel e tam somente he capaz de alguns barcos que servem para nelle se passar gente ou bestas» (*MP de Dornelas*), «Nam he navegavel e tam somente se uza nelle de huns Barquinhos que apenas acomodam duas bestas e huma duzia de pesoas» (*MP da Barroca*).

Também o de Cambas refere esse facto: «Em certas terras he navegavel, só nas partes dos mesmos lugares que se servem de pasalo de huma parte a outra em barcos pequenos, nem he capas de outras embarcaçoens pella rapides destas correntes: porque sempre vai por pedras asperas e fragozas.»

Por seu lado, os párocos dos Janeiros referem que o rio não é navegável: «Nam he navegavel nem capas de embarcasois, pós elle he muito caudelozo, ele a de nam ser navegavel» (*MP de Janeiro de Baixo*), «Não he navegavel da Villa de Abrantes para sima» (*MP de Janeiro de Cima*). Estas últimas respostas parecem implicitamente afirmar que nas vizinhanças de Janeiro de Cima e Janeiro de Baixo não se efectuava habitualmente a travessia do rio (pois, de contrário, os padres teriam referido o facto), o que é estranho. A consulta de registos paroquiais mostra que no século XVII havia barqueiros, em Janeiro de Baixo; esta profissão, em 1758, seguramente ainda existia pois, de contrário, como fariam os habitantes do Urgeiro para, todos os domingos, atravessar o rio a fim de assistir à missa, ou o pároco para se deslocar às localidades situadas na outra margem a acudir aos moribundos?

Acrescente-se mais umas informações interessantes, relativas a Dornelas e à profissão de barqueiro, que aí sobreviveu até à construção da ponte, em 1983; durante muito tempo fez-se nessa paróquia a licitação da barca, um leilão em que o vencedor passava a deter, por um ano, o privilégio de transportar as pessoas entre as duas margens e, evidentemente, cobrar pelos serviços. Acrescente-se ainda que, em finais do séc. XIX, ter-se-á passado nessa localidade um curioso episódio, referido por Augusto Pinho Leal, na sua obra «Portugal Antigo e Moderno», que assim se transcreve: «Naquela aldeia havia uma barca pertença da Confraria do Santíssimo daquela paróquia, mas a Câmara da Pampilhosa, a que Dornelas pertencia, imaginando poder lucrar com aquela travessia decidiu ali pôr uma outra barca de sua propriedade. Gorou-se o negócio, porque o povo chamou à nova barca Barca do Diabo - porque ia afrontar a barca do Santíssimo, a que chamavam Barca de Deus» - e, escreve Pinho Leal, «Escusado é dizer que a nova barca, a Barca do Diabo, ficou em paz e às moscas. Ninguém se utilisou d'ella».

***5 – Se he de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distancia, ou em alguma parte d'elle.*** O Rio Unhais «em todo o seu curso he precipitado», refere o Prior da Pampilhosa.

O cura de Fajão afirma que o rio Ceira é muito caudaloso.

O prior de Dornelas diz que o rio Zêzere «he de curso arrebatado em toda a sua distancia e principalmente daqui para cima, e para baixo mais medonho por causa das fragas, ainda que nam tam veloz por causa das penhas que encontra», «mui arrebatado, e fragozo em humas partes mais do que em outras». Os da Barroca e Janeiro de Baixo concordam, embora sem explicitarem quais as secções do rio onde este é mais agitado. O de Janeiro de Cima também não diz quais são, apesar de saber que o rio é «irrequieto em toda sua distancia, porem mais em humas parte do que em outras». Quem, uma vez mais, fornece mais explicações é o prior de Cambas: «He de curso arrebatado do lugar de Silvares para baixo, que dali para sima athe Valhelhas he de curso quieto, por areais».

Finalmente o cura do Pessegueiro afiança que a ribeira do Pessegueiro «corre munto arrebatada, fez este anno muntas perdas nas ortas.»

***6 – Se corre de norte a sul, se de poente a nascente: se de sul ao norte; ou de nascente a poente.*** Quando atravessa a Pampilhosa, o rio Unhais «corre de nascente para poente»; sucede o mesmo quando atravessa Unhais-o-velho, ou quando passa ao sul do Cabril.

Quando o rio Ceira passa ao pé da Vila de Fajão, «corre do nascente ao poente».

Quando passa pela Barroca, o rio Zêzere «corre de nascente a Poente». Cerca de dois quilómetros depois, ao passar por Dornelas «corre (...) de entre o Nascente e o Norte para entre o Poente e o Sul» (aliás ao contornar Dornelas e o Alqueidão, o rio faz uma curva). Mais alguns quilómetros e chegamos a Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima, onde o rio «corre do Norte para o Sul»

O prior de Cambas é o mais abrangente: segundo ele, o Zêzere «corre donde nasce athe Aldeya do Matto, (...) do poente ao nascente, e da ditta Aldeya do Matto athe se metter no Tejo corre do Norte ao Sul».

Concluimos com uma referência à ribeira de Pessegueiro, a qual «corre do norte pera sul...» em direccção ao rio Unhais.

***7 – Se cria peixes; e de que especie são os que trás em maior abundancia.*** O prior da Pampilhosa refere que no rio Unhais se criam «Barbos, Bogas, Bordalos, Enguias e Trutas»; o do Cabril, não enumera tantas espécies mas salienta a pureza das suas águas: «...(são) munto cristellinas, a corrente entre munto seixos amarellos que correm das mesmas penhas cria algumas trutas de boa calidade».

No rio Ceira os peixes que se criam em maior abundância são «Bogas, Barbos e Trutas (...), que se pescão com mais facilidade em os mezes de Julho, Agosto e Setembro.», diz o cura de Fajão.

O rio Zêzere «tambem cria alguns peixes, e os que cria em mais abundancia pertencem, pela lingoa destas vezinhanças, à especie de barbos e especie de bogas» (*MP de Dornelas*); nos inquéritos de Barroca, Janeiro de Cima e de Cambas são referidas as mesmas espécies. Na memória paroquial de Janeiro de Baixo são referidas mais espécies: o Zêzere «cria peixes de muntas especies como sam trutas, ainda que sam menos, bordalos, begolas (?) e bogas e barbos com mais abundancia, tãobem ha eyros».

Para concluir note-se que tanto na ribeira de Pessegueiro como na do Orvalho apenas se pescam alguns «peixes piquenos» e «trutas de boa qualidade».

***8 – Se ha nelle pescarias; e em que tempo do anno.***

***9 – Se as pescarias são livres, ou de algum Senhor particular em todo o rio, ou em alguma parte d'elle.*** Todos os párocos são unânimes em afirmar que nos diversos rios (e ribeiros) da região em estudo se fazem ocasionalmente pescarias e que todas são livres «para naturais e estranhos», isto é, não são de nenhum senhor particular: «nem se conhece Senhor a quem disto se pague tributo algum, nem sei que outro algum estilo haja em as terras vezinhas ao ditto rio» (*MP de Dornelas*).

Alguns párocos são mais detalhados. O da Pampilhosa refere que, no rio Unhais as pescarias são feitas no verão, enquanto que os das aldeias atravessadas pelo Zêzere salientam que, nesse rio, «em todo o anno se pesca nelle» (*MP de*

*Janeiro de Cima*). Mas estes últimos também informam que as pescarias são melhores no verão do que no inverno: «no verão se apanhão peixes com mais abundancia» (*MP de Janeiro de Cima*), «somente no veram se pesca milhor que de inverno, porque então vai a agoa quente e de inverno muito fria» (*MP de Janeiro de Cambas*), «(se pesca nele) no tempo do Veram, ou no do Inverno quando leva mui pouca agoa e juntamente ha geadas a que vulgarmente chamam arreganho» (*MP de Dornelas*).

Mas mesmo no verão não se consegue apanhar peixe em abundância: «Não há neste Rio pescarias grandes» (*MP de Janeiro de Cima*), «...nam ha lá pescarias de considerasam» (*MP de Janeiro de Baixo*), «Nam se fazem nelle pescarias, a que se possa dar nome, nem ha quem disso somente viva, mas tam somente se pescam nelle em pouca quantidade os peixes acima ditos» (*MP de Dornelas*).

***10 – Se se cultivão as suas margens; e se tem muito arvoredo de fructo, ou silvestres.*** Segundo palavras do Prior da Pampilhosa as margens do rio Unhais «sam penhascos incultos»; as do Ceira, perto de Fajão, também «são pinhascos», sendo que nas suas margens «o arvoredo (é formado por) medronheyros silvestres».

Quanto ao rio Zêzere: o prior de Cambas diz que «nesta terra e sua freguezia não se cultivam as suas margens: porque não as tem, ele (é) muito fragozo, e somente em alguns pedaços de terra se plantam algumas oliveiras, ou castinheiros, o mais he mato silvestre.». Mais a norte, o prior de Dornelas salienta que as margens do rio «nam tem arvoredo de fruto, nem silvestre» e afirma: «Aqui e daqui para baixo nam tem margens que se cultivem mas antes quasi tudo sam penhascos». Como o cura da Barroca refere que «suas margens se cultivam daqui para sima, mediando entre ellas e a agoa do rio algum arvoredo silvestre», parece deduzir-se que as margens do rio deixariam de ser cultiváveis, exactamente na região que separa estas duas aldeias. Mas segundo o pároco de Janeiro de Cima não é bem assim: «Não se cultivão suas margens, exceto da Aldeia de Matto pera baixo emthe lugar de Silvares, e ainda não hem tudo, e do dito lugar de Silvares emthe a Va de Punhete pouco ou nada se cultivão as ditas margens...». E acrescenta: «...e em toda a sua viagem não cria mais arvores do que algumas videiras que estão lançadas e alguns salgueiros e entendo não (*cria?*) arvores silvestres ou de frutos.»

Se nas margens dos rios maiores não parece haver produção agrícola de relevo, já nas ribeiras o panorama parece ser diferente. Pelo menos, na de Orvalho «em muitas partes se cultiva em varias hortas em que se produz em abundancia Trigo, Milho, Senteyo, Vinho, Linho, Castanhas»,

***11 – Se tem alguma virtude particular as suas aguas.*** O prior da Pampilhosa afirma que as águas do rio Unhais «nam tem nenhuma vertude particular», tal como o de Fajão, referindo-se às do Ceira.

Os párocos de Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima e Cambas têm opinião semelhante a respeito das águas do rio Zêzere, com os das duas últimas paróquias a referirem-se à utilidade e cor das suas águas: «...suas

aguoas (...) só sam diferentes das mais por serem de cor verde» (*MP de Janeiro de Cima*), «(as águas do Zêzere servem) somente para criar peixes e lavar roupa, porque sam muito claras» (*MP de Cambas*).

***12 – Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter differente em algumas partes; e como se chamão estes; ou se ha memoria, de que, em outro tempo, tivesse outro nome?*** O rio Unhais «enthe entrar no Zezere concerva sempre o mesmo nome da Ribeira de Unhais, e nam ha memoria que tivesse outro nome» (*MP da Pampilhosa*).

Sobre o Ceira: «As suas aguas sempre conservão o nome de Rio Ceyra athe onde fenyce» (*MP de Fajão*).

O rio Zêzere «sempre conserva o mesmo nome de Rio Zezere e não o perde athe se metter no dito Rio Tejo e não (*há*) memoria que em tempo algum tivese outro nome» (*MP de Cambas*). Usando outras palavras, os párocos de Dornelas, Barroca e Janeiro de Cima dizem, essencialmente o mesmo. O de Janeiro de Baixo nada diz: «Nam me ocorre couza que dizer a este artigo».

Por fim, a ribeira de Pessegueiro «...muda o seu nome à Foz de Peshigeiro», diz o cura de Pessegueiro.

***13 – Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sitio em que entra nelle.*** O prior da Pampilhosa refere que o rio Unhais «morre no Zezere aonde entra junto da Villa de Pedrogam Grande.»

Os párocos de Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima e Cambas são unânimes: o rio Zezere entra («morre») no rio Tejo na Vila de Punhete (actualmente Constância).

***14 – Se tem alguma cachoeira, repreza, levada, ou açudes, que lhe embarassem o ser navegavel.*** Sobre o rio Unhais, o prior da Pampilhosa salienta que «todo elle he huma continuada cachoeira, mas sem que se possa fazer menssam de nenhuma».

Na região da Barroca e de Dornelas «tem alguns penhascos e açudes que lhe cavaram algumas reprezas; mas nam lhe impedem nam ambaraçam o uzo dos (...) barquinhos» (*MP da Barroca*), isto é, dos «piquenos barcos que nele servem de passar gente...» (*MP de Dornelas*).

Mais a sul há bastantes cachoeiras: «Quasi em toda a sua distancia vai encachoado (*isto é, com muitas cachoeiras*) e as cachoeiras que entendo tem maiores são duas, huma entre Janeiro de Baxo e Adomosso, em hum sitio chamado o Penedo monqueiro, e a outra entre o Pedrogão pequeno e Villa de Pedrogão grande em o sitio aonde está a ponte Cabril, não dou rezão que tenha levada alguma salvo se for aonde elle nasse que não sei dar rezão, coanto da Villa de Balhelhas para baixo não, ainda que se lhe tem feita algumas (obras?), e suposto tem alguns asudes e caneiros que lhe enpedam o ser naveguavel, ainda tem cachoeiras e pontois e despenhadouros que o impede maes dar naveguação» (*MP de Janeiro de Cima*); no entanto, na região de Cambas, não parece haver: «Nesta freguezia não ha cachoeira, repreza, levada nem açude que o embarasem de ser navegavel, somente o aspero da terra por onde pasa».

***15 – Se tem pontes de cantaria, ou de pao; quantas, e em que sitio.*** O rio Unhais «nam tem ponte alguma de pedra; de que munto nesessita, mas varias de pao; aqui tem duas, huma nesta Villa; e outra mais asima onde se chama a ponte de Guilham» (*MP da Pampilhosa*)

Sobre o rio Ceira: «Nesta Freguezia e termo tem tres Pontes de pao, huma no lugar do Porto da Balça, outra onde chamão a Ponte de Fajão, outra chamada a Ponte de Cartamilo» (*MP de Fajão*).

A respeito do rio Zêzere os párocos de Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima dizem o mesmo: o rio tem três pontes de cantaria, uma «por baxo» da Vila de Valhelhas, outra «ao fundo» da Notável Vila da Covilhã, a que chamam Ponte Pedrinha, e uma terceira entre o Pedrogão Grande e o Pedrogão Pequeno, chamada a Ponte do Cabril. Desconheciam a existência de «pontes de pao» (ou seja, de madeira); estavam excluindo, como é evidente, algumas pequenas pontes de madeira, de carácter provisório, que algumas destas aldeias montavam durante o verão quando o rio tinha um caudal mais baixo, e que permitiam a travessia entre as margens. Por seu lado, o prior de Cambas limita-se a referir a inexistência de pontes, sejam elas de pedra ou de madeira, na sua freguesia.

Por fim, o cura do Pessegueiro faz notar que sobre a ribeira que passa pela sua paróquia existem duas pontes de madeira: «huma está à Louza, por asim se chamar aque(le) sitio, pasa por ali o caminho pera Coimbra, a outra está o pé do dito lugar de Peshigeiro».

***16 – Se tem moinhos, lagares de azeite, pizões, noras, ou outro algum engenho.*** Na paróquia da Pampilhosa existem moinhos, pisões e lagares de azeite, mas o prior da Vila não explicita onde, nem quem são os seus proprietários. No Cabril existem dois lagares de azeite, cujos donatários são a Confraria do Santissimo Sacramento do Cabril, e José Cabral de Albuquerque, morador na Vila da Pampilhosa; para além disso também se encontram alguns moinhos, pertença de particulares, para uso próprio.

Na paróquia de Fajão encontramos vários moinhos: um na Ponte de Fajão «e dous mais abaixo», um lagar de azeite e um pisão no lugar dos Cavaleiros, e ainda vários açudes no rio; os seus proprietários utilizam-nos para (...) fertilizarem as suas fazendas».

Junto ao Zêzere podemos encontrar alguns moinhos em Dornelas assim como na Barroca, onde, apesar de haver muitos, «nam se servem delles os povos em tempos de inverno por se acharem demolidos pellas agoas». O pároco de Janeiro de Cima refere que «de verão se fazem algumas moengas que somente moem (...) 3 ou 4 mezes no mesmo tempo, os coais entendo só se fazem da Villa de Alvaro para sima». Mais a sudoeste, em Cambas, existem alguns moinhos que os moradores usam «para moerem o seu pão no tempo do verão».

Quanto a lagares de azeite ou pisões, os vários párocos apenas dizem ter conhecimento de um, situado no lugar do Barco, já no concelho da Covilhã. Mas assinale-se que tal informação está incompleta, pois é sabido que a paróquia de

Dornelas possuía, nessa data, dois lagares de azeite, um junto à ponte do ribeiro, e o outro perto do Carregal, no lugar do Pisão.

Quanto a noras: os curas da Barroca e de Janeiro de Cima referem a existência de «noras em abundancia, daqui para sima (de Silvares para Cima), para a regadia das margens».

Relativamente à ribeira de Pessegueiro: existem dois lagares, três pizões, uma azenha e três moinhos para moer o pão, e «sam senhores delles os moradores desta freguezia».

***17 – Se em algum tempo, ou no presente se tirou, ou tira ouro das suas areas.*** Em todos os rios da região se efectuava alguma exploração aurífera, a qual consistia em «tirar pellos asudes e praias do Rio algumas fagulhas de ouro». Os ganhos, apesar de poucos, eram suficientes para, ano após ano, motivar a vinda de garimpeiros, homens de fora da região; no entanto os autóctones, talvez por serem donos de algum pequeno terreno ou por trabalharem para algum grande proprietário local, e dessa forma terem a sua subsistência garantida, não se sentiam atraídos por esse modo de vida.

A exploração mineira era efectuada sempre no verão: «No Estio custumam alguns homens tirar algum ouro (do rio Unhais)» (*MP da Pampilhosa*), «No tempo de verão vêm Homens de outras partes ao (...) Rio (Ceira) com pratos lavando as areias donde tirão algumas faiscas de ouro, mas couza lemitada» (*MP de Fajão*), «No tempo do verão, quando o Rio (Zêzere) vai pequeno vem alguns homens, a que chamão gadanheiros, ou ovreiros a buscar ouro nas suas praias, e algum ouro tiram, mas pouco» (*MP de Cambas*), «Algumas vezes acontece no Veram virem a trabalhar nas suas areas e fragas alguns homens do Bispado de Coimbra, que pelo que dizem tiram algum ouro, mas destas terras vezinhas nunca em tempo algum se occuparam neste trabalho, ou industria, homens de nenhuma qualidade» (*MP de Dornelas*).

Os párocos de Janeiro de Baixo e de Cima fazem notar que a exploração de ouro no rio era uma actividade muito antiga: «He certo que estas terras em algum tempo foram habitadas pellos Mouros, ha tradição que elles (exploraram) muntas minas de ouro ao pé deste Rio Zezere, e traziam a agoa para as ditas Minas daqui duas Legoas e por muntas penhas» (*MP de Janeiro de Baixo*), «...as coais minas de ouro (?), algumas que forão feitas pellos mouros, outros dizem que pellos Romanos» (*MP de Janeiro de Cima*). Ainda segundo o pároco de Janeiro de Cima: «He serto que em algum tempo se tirou ouro ou outros metais de suas areias e rochas (?) e a Rezão he por ainda se conhecerem as levadas que vêm do mesmo rio por penhas e terras fraguozas, mais de duas legoas....(*e onde seria recolhido o ouro*)».

Note-se que esta actividade perdurou até meados do século XX.

***18 – Se os povos usão livremente de suas aguas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão?*** Tanto as aguas do rio Unhais como as do Ceira são livres: «os povos gozam livremente de suas agoas sem penssam alguma» (*MP da Pampilhosa*), «...as aguas (do rio Ceira) são livres e os foraste(iros) se utelizão dellas sem pensão alguma (*MP de Fajão*).

Destas respostas parece estar implicito que as populações por onde os rios Unhais e Ceira passam, fazem uso das suas águas para cultivar os campos; mas mais a sul já não é assim. As águas do Zêzere, apesar de serem de uso livre («toda a aguoa deste Rio he livre para todos os que della uzão e sem pensão alguma» (*MP de Janeiro de Cima*), não são usadas nas actividades agrícolas: «Nam se tira por aqui agoa do Rio para cultura dos campos, porque os nam ha adequados para esse Ministerio» (*MP de Dornelas*), «Os povos não uzão das agoas do ditto rio para a cultura da terra, porque não a tem para este efeito» (*MP de Cambas*).

Apenas são, ocasionalmente, usadas algumas noras: «Nam sei de povo algum que se utiliza de suas agoas para a cultura dos campos mais do que com as sobreditas noras....» (*MP da Barroca*), «Pouco se uza de suas aguoas pois não dou rezão que o dito rio tenha levada, só sim algumas noras...» (*MP de Janeiro de Cima*). Acrescente-se o seguinte detalhe interessante: em finais do séc. XX, a freguesia de Dornelas mostrou interesse em inserir duas noras (também designadas por rodas) no seu brasão, como recordação do seu passado e memória para o futuro.

Finalmente refira-se que às aguas da ribeira do Pessegueiro são livres, e usadas para regar alguns terrenos.

***19 – Quantas leguas tem o rio; e as povoações por onde passa desde o seo nascimento ate onde acaba.*** O rio Unhais «tem outo Legoas de distancia, no seu curso toma demaziada agoa no Inverno, pasa por tres povoaçoins, Unhais o Velho, Vidual e Pampilhoza» (*MP da Pampilhosa*).

A respeito do rio Ceira o pároco de Fajão diz o seguinte: «Donde esta o Rio principal athe se metter no Mondego sera distancia de dezaseis leguas (...)»; mas não refere as povoações que atravessa.

As respostas que o prior de Dornelas e o cura da Barroca dão a respeito do Zêzere são semelhantes: «Pela informaçam que tomei, achei que este Rio desde o sítio, em que nasce na Serra da Estrella atte onde acaba: digo de Punhete, onde acaba tera ou seram trinta legoas de caminho nem attendendo as voltas que o mesmo Rio da: as povoaçoens por onde passa sam a Villa de Manteigas, o lugar de Valle de Moreira, a Villa de Valhelhas, a Villa de Belmonte, a Villa de Covilham que dista huma legoa, alguns lugares vezinhos, que distam menos como sam Orjaes, Boidobra, Dominguizo, Pezo e Pezinho, e outros que estam muito mais vezinhos ao mesmo Rio, convem a saber o lugar do Barco, Ourondo, Silvares, Barroca, Dornellas, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima, (Esteiro), Cambas e a Villa de Alvaro, e outros que dali para baxo estam de que eu nam sei dar noticia». (*MP de Dornelas*). Saliente-se que o pároco de Cambas também refere, sem certezas, que referido o comprimento será de 30 léguas: «Quantas legoas tem o ditto Rio desde que nasce athe se metter no Tejo não he facil de aberiguar, somente ha probabilidade que são trinta legoas».

Os párocos de Janeiro de Baixo e de Janeiro de Cima dizem que o rio tem de comprimento, respectivamente, 35 e 34 léguas. As povoações que referem são praticamente as mesmas, sendo o de Janeiro de Cima um pouco mais detalhado: «Villa de Balhelhas, Aldeia de Matos, a Villa de Bellomonte, o lugar de Orjais, o

lugar de Ferro, Boidobra, Alquaria, Dominguizo, Pezo, Pezinho, Coutada, Barco, Silvares, Ourondo, Barroca, Dornellas, Alqueidão, Porto de Vaquas, Esteiro, este lugar de Janeiro de Sima, Janeiro de Baxo, Adomoso, Cambas, Caneiros, Lobatos, a Villa de Alvaro, a Villa do Pedrogão grande, Pedrogão pequeno, a Villa de Punhete».

Para terem informações tão detalhadas os párocos locais seguramente, terão tido acesso a alguma obra que descrevesse as cidades, as serras e os rios de Portugal; talvez a «Corografia Portugueza e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal» do Padre António Carvalho da Costa, ou o «Dicionário Geográfico», do Padre Luis Cardozo?

Para terminar o cura do Pessegueiro refere que a ribeira que passa pela sua paróquia «tem huma Legoa de comprimento».

***20 – E qualquer outra cousa notavel, que não vá neste interrogatorio.*** Nenhum dos párocos acrescentou alguma informação relevante.

## 5. Algumas notas finais

Como referido no início do texto, as memórias paroquiais captam um retrato da vida destas paróquias num «momento» específico do ano de 1758, correspondente (aproximadamente) aos meses de Abril e Maio. Mas até que ponto é esse retrato fiel?

É claro que a resposta depende de vários factores que envolvem, por um lado, a própria formulação do questionário, e por outro, as respostas dos párocos. No que se refere ao inquérito seria desejável que as questões formuladas cobrissem todos os principais aspectos da vida local e que, sobre cada tema, fossem bastante precisas e claras; por outro seria de desejar que os párocos dessem resposta a todas as questões e que estas fossem bastante completas (para não dizer exaustivas).

Nenhum destes factores foi totalmente cumprido o que, apesar de não retirar mérito às respostas fornecidas (as quais são suficientes para se obter uma panorâmica razoável dos principais aspectos da vida local, em meados do séc. XVIII), causa alguma decepção pois facilmente se pode imaginar o manancial de informações que podia ter sido obtido caso tivesse havido mais cuidado e dedicação na elaboração tanto das perguntas como das respostas.

A primeira crítica tem a ver com as secções «serra» e «rio» que reenviam o leitor para um ambiente rural; mas nas principais cidades já então existiam paróquias urbanas, que nem sequer eram atravessadas por um ribeiro... E mesmo em ambiente rural que garantias havia que alguma serra passasse pela paróquia ou que um rio a atravessasse? Na região em estudo os párocos depararam-se várias vezes com esta situação, o que fez com que muitos não respondessem a secção «Serra» com a justificação de que na sua paróquia só havia montes, ou que estava situada junto ao rio: «...não fica esta terra situada em serra, mas sim fica

junto ao Rio Zezere, em hum baxo plano...» (*MP de Janeiro de Cima*), «...nam tenho que dizer desta freguesia por nam haver nella Serra de nome somente consta de montes e Valles...) (*MP de Dornelas*). Os inquiridores deviam ter formulado uma secção «Serra» mais abrangente de maneira a incluir no seu âmbito os terrenos agrícolas e os bosques que rodeavam as povoações.

Relativamente à secção «Rio», quando a paróquia não era atravessada por um importante curso de água os vários párocos ultrapassaram a dificuldade dando indicações sobre o ribeiro principal; mas nos casos em que existia um rio principal os párocos preferiram ignorar os cursos de água mais pequenos.

Há algumas questões que, apesar do seu interesse, não deveriam figurar neste questionário pois a sua resposta não dependia de informação que só pudesse ser obtida localmente: é duvidoso que os párocos soubessem responder às perguntas envolvendo distâncias a cidades próximas, comprimento das serras e dos rios sem recorrer a alguma obra de geografia. E, por seu lado, a pergunta referente à população, apesar de precisa era de difícil resposta (na forma pedida) a menos que cada pároco, para além das suas obrigações normais diárias, assumisse o papel de agente recenseador e fosse de porta em porta contar as pessoas; o mais natural é que tenham ido consultar os róis de confessados a fim de contar os fregueses. Alguns foram mais específicos, separando aqueles que eram apenas de confissão dos de confissão e comunhão, e em alguns casos fizeram a contagem por lugar. Curiosamente, nenhum se lembrou de contar os homens e as mulheres em separado e parece bastante improvável que algum se tenha dado ao trabalho de contar as crianças com idade inferior a sete anos (o que podia ser feito consultando os registos paroquiais de baptismo e retirando os nomes das entretanto falecidas). Acrescente-se ainda que, ao referir números «redondos», o cura de Janeiro de Cima possivelmente terá apenas fornecido uma estimativa da população da sua paróquia; e tal não é caso único: veja-se o pároco da Vila de Álvaro, situada a sul da Pampilhosa (e fora da região estudada), que afirma ter 1300 paroquianos de Sacramento (isto é, de comunhão) e 200 menores (ou seja, apenas de confissão).

O questionário poderia ter sido melhorado acrescentando mais perguntas, sem que, para isso, fosse necessário um especial esforço de imaginação. Por exemplo:

*Quando foi criada a paróquia?*
*Quando nasceram os vários lugares da paróquia e qual a origem do seu nome?*
*A paróquia possui algum altar privilegiado?*
*Qual a área (aproximada) da sua paróquia? Com que paróquias faz fronteira?*
*Existe alguma lenda local?*
*Para além do rio (caso exista), que ribeiros existem na paróquia?*
*Existem animais selvagens na floresta (veados, ursos, lobos)? E espécies de aves?*
*Existe alguma família que tenha escravos? Quantos são homens e quantos são mulheres?*
*Quem são as pessoas consideradas mais importantes da paróquia?*

*Quem foi o antecessor do presente pároco?*
*O actual pároco está na paróquia desde quando? Qual a sua naturalidade?*

Reparemos agora nas respostas dos párocos. O seguinte quadro, que mostra quantas das perguntas foram efectivamente respondidas (isto é, que não foram deixadas em branco e não foram do tipo «Nam me ocorre couza alguma que dizer», «Nam ha nada (que dizer)», etc.), evidencia claramente que a secção «Serra» foi ignorada pela maior parte dos párocos:

| *Paróquia* | *Terra* | *Serra* | *Rio* | *Total* |
|---|---|---|---|---|
| Pampilhosa | 26 | 10 | 19 | 55 |
| Cabril | 12 | - | 4 | 16 |
| Pessegueiro | 18 | - | 10 | 28 |
| Fajão | 26 | 12 | 19 | 57 |
| Unhais | 3 | - | - | 3 |
| Dornelas | 27 | - | 20 | 47 |
| Barroca | 27 | - | 20 | 47 |
| Jan. Baixo | 17 | 1 | 14 | 32 |
| Jan. Cima | 22 | 1 | 20 | 43 |
| Cambas | 27 | 13 | 20 | 60 |
| Madeirã | 12 | - | - | 12 |
| Orvalho | 27 | 13 | 6 | 46 |

É claro que Unhais-o-velho é um caso à parte por não ter memórias paroquiais. Quanto aos restantes: o pároco de Fajão respondeu à totalidade do questionário sob forma de texto corrido, isto é, sem discriminar as perguntas; alguns dos outros fizeram o mesmo, mas só relativamente a secções do dito inquérito. O da Madeirã respondeu ao seu com um atraso de ano e meio mais tarde, ou seja muito tardiamente.

Os inquéritos que contêm as respostas mais interessantes são os de Janeiro de Cima, Dornelas e Cambas, pois fornecem algumas informações suplementares para além das que eram estritamente pedidas. Os que se lêem com mais dificuldades (devido à letra do pároco e deficiente conservação das respostas) são os de Janeiro de Baixo e da Pampilhosa; aliás o desta última é o mais decepcionante pois tratando-se de uma vila cuja paróquia tinha mais de 30 lugares para além da vila, seguramente haveria muito que dizer (referir as ermidas e os vários dias de romagem, as muitas confrarias e irmandades existentes, citar algumas pessoas locais que se notabilizaram); mas não foi esse o caso. Talvez devido às suas muitas ocupações, o Prior da Pampilhosa foi adiando sucessivamente a resposta ao inquérito até que, provavelmente achando que não podia adiar mais, o respondeu, já fora do prazo inicial e fornecendo poucas informações (apesar de ter respondido a praticamente todas as questões).

Tendo em conta algumas respostas semelhantes é provável que os párocos do Cabril, Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima tenham trocado informações. O

mesmo também terá acontecido com os de Dornelas e da Barroca; podemos até conjecturar que se tenham reunido, no Carregal, com o padre José Dias de Carvalho, anterior prior de Dornelas, então a recuperar das suas maleitas (e que voltaria a ser), a fim de, em conjunto, responder às perguntas mais complicadas (as que necessitavam de informações geográficas relativas a locais afastados). Para os temas locais seria de esperar que os párocos estivessem bem informados; aliás, alguns tinham mesmo obrigação disso por serem naturais da região. Vejamos: o cura da Barroca, Jozé Pedro, era natural de Adurão (Dornelas), o do Cabril, Manoel Francisco, era proveniente do mesmo Cabril, o Prior de Cambas, Bartolomeu Vaz de Azevedo seria (tendo em conta os seus apelidos) natural do Orvalho, o de Unhais-o-velho, Joseph Gomes Nogueira, seria (também provavelmente) originário dos Cavaleiros (Vila de Fajão), João Dias Pereira, vigário de Janeiro de Baixo, era natural do mesmo lugar de Janeiro de Baixo, assim como Joseph Pereira, cura de Janeiro de Cima. Acrescente-se que o Prior da Pampilhosa, João Freire de Albuquerque Maldonado, era natural da mesma vila.

Concluímos este texto comparando o actual mapa das freguesias com o (provável) mapa da região em 1758. O do séc. XVIII foi recolhido da página da Internet http:// www.fcsh.unl.pt/memorias/atlas.php, onde se pretende mostrar, com base no texto das memórias paroquiais, um mapa do território de todas as paróquias em 1758, assim como o dos concelhos, províncias e dioceses de então. Trata-se de um objectivo louvável mas que, pelo menos de momento, parece ter muitos erros. Aqueles que foi possível detectar nos mapas dessa página, relativos à região em estudo, foram os seguintes, relativos às seguintes fronteiras: entre as paróquias da Madeirã e Alvares, entre as de Álvaro e Pampilhosa, sul e ocidente da paróquia da Pampilhosa (onde actualmente encontramos a freguesia do Machio), entre as paróquias de Dornelas e Unhais, entre as de Dornelas e Barroca, entre as paróquias de Barroca e Silvares e entre as de Silvares e Bogas de Baixo. Finalmente, a nível de concelhos, o de Fajão não coincide com a sua paróquia, e as paróquias da Pampilhosa e de Pessegueiro não pertenciam à província da Beira, mas sim à da Estremadura.

Um mapa mais correcto das paróquias (mas provavelmente ainda não completamente livre de erros) é o seguinte:

A maior parte destas paróquias parece ter sido criada em torno de um rio e delimitadas a norte e a sul por montanhas: Alvares, a Pampilhosa original e Unhais-o-velho têm o rio Unhais a atravessá-las; mais a sul é o Zêzere que se encontra aproximadamente a meio das freguesias de Álvaro (que, originalmente, incluía a Madeirã), Cambas (que terá chegado a abranger o Orvalho, Vila Barroco e norte do Estreito), Janeiro de Baixo (que, no início, havia incluído Janeiro de Cima e Bogas de Baixo) e Dornelas (à qual a Barroca pertencia).

Desde 1758 até à actualidade podemos notar que a Pampilhosa mudou de nome (passou a Pampilhosa da Serra) e diminuiu de tamanho, o mesmo acontecendo com as freguesias de Dornelas (que passou a Dornelas do Zêzere), Silvares e Álvaro. Da Pampilhosa (e de partes da freguesia de Álvaro) surgiu a nova freguesia do Machio, em 1835; a partir de territórios que integravam Alvares, Madeirã e Álvaro surgiu em finais do séc. XVIII a freguesia do Trinhão, imediatamente substituída pela da Portela do Fojo 1795). Unhais-o-velho «deslocou-se» para oriente, pois perdeu a região do Vidual (que se autonomizou como freguesia em 1816) mas em contrapartida adquiriu, em 1836, a Povoa da Raposeira e as Seladinhas, que haviam pertencido à freguesia de Dornelas. Por seu lado, a Barroca aumentou de território pois recebeu o Alqueidão (vindo de Dornelas) em 1895 e S. Martinho (vindo de Silvares) em 1836; acrescente-se ainda que, esteve unida ao Bodelhão (actualmente Aldeia de S. Francisco de

Assis), da qual se separou em 1895. Finalmente, Silvares perdeu não só o lugar de S. Martinho como toda a região sul da sua paróquia (Bogas de Cima) que se autonomizou como paróquia, provavelmente em finais do séc. XVIII.

O mapa actual (2011) é o seguinte:

**Bibliografia:**

*Memórias paroquiais de Pampilhosa, Cabril, Pessegueiro, Fajão, Unhais-o-velho, Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima, Cambas, Orvalho, Madeirã* – disponíveis em http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4238720 (ou alternativamente na Torre do Tombo, em Lisboa)

*Registos paroquiais de Pampilhosa, Cabril, Fajão, Unhais-o-velho, Dornelas, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima, Cambas, Orvalho* – disponíveis no Arquivo da Universidade de Coimbra e na Torre do Tombo

*As freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758*, José Viriato Capela, 2003.

*Património Pampilhosense*, coordenação do Dr. António Lourenço, Maio 2002

*Subsídios para uma cronologia do concelho da Pampilhosa da Serra*, Ana Paula Branco e António Amaro Rosa, 2007